REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3 | Março de 1918 | Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

O NOSSO ESFORÇO MILITAR EM AFRICA

(Continuado de pag. 112)

Em 1917

Organisação de nova expedição

Não tendo em 1916 sido podido vencer as forças do Leste Africano e proseguindo no corrente ano as operações pelas forças da União Sul Africana resolveu o Governo enviar a Moçambique uma nova expedição para que forças portuguesas pudessem cooperar naquelas operações.

Compunha-se a expedição, de unidades e serviços eguais ás de 1916, aumentada com 1 esquadrão de cavalaria e tendo a companhia mixta de engenharia o pessoal de telegrafia sem fios para a montagem de 4 postos.

Egualmente se requisitaram quadros para a constituição de 20 companhias indigenas que deviam cooperar com a expedição.

Foi, pois, organisàdo o corpo expedicionario com os seguintes efectivos.

Quartel general: 19 oficiais e 13 praças.

Companhia mixta de engenharia: 9 oficiais, e 388 praças.

Estado maior e menor para dois grupos de artilharia; 14 oficiais e 72 praças.

2 Baterias de artilharia de montanha: 12 oficiais e 567 praças,

3 Baterias de metralhadoras: 9 oficiais e 163 praças.
3 Batalhões de infantaria: 21 oficiais e 3039 praças.
1 Esquadrão de cavalaria: 9 oficiais e 180 praças.
Serviço de saude: 11 medicos e 99 praças.
Serviços administrativos: 1 oficial e 22 praças.
Serviço de transportes: 4 oficiais e 135 praças.
Quadros para 20 companhias indigenas: 57 oficiais e 380 praças.

Efectivo total; 209 oficiais e 5058 praças ou 5267 homens.

Efectuou-se o embarque destas forças nos seguintes vapores e datas:

Vapor *Portugal* em 5 de janeiro: 1 batalhão de infantaria 29.

Vapor *Moçambique*, em 15 de fevereiro: 1 esquadrão de cavalaria, 1 bateria de artilharia, 1 bateria de metralhadoras e parte dos quadros das companhias indigenas.

Vapor *Mossamedes*, em 19 de março: 1 batalhão de infantaria n.º 30, e parte das praças dos serviço de saude e de transportes.

Vapor *Portugal*, em 30 de abril: 1 batalhão de infantaria 31, estado maior e menor dos 2 grupos de artilharia,

Vapor *Moçambique*, em 2 de julho: companhia mixta de engenharia, 5.ª e 7.ª baterias de montanha, 2 baterias de metralhadoras, serviço de saude e o restante pessoal para os quadros das companhias indigenas.

Embarcaram todas estas unidades com o respectivo armamento, equipamento, municiamento, material de bivaque, reservas de fardamento e calçado, ferramenta-portatil etc., tendo sido, como em 1916, mandado manufacturar os bastes e arreios para transporte a dorso de munições, ferramenta e material sanitario.

O corpo expedicionario ia encontrar em Moçambique parte do pessoal do de 1916, visto que grande numero de praças haviam já sido repatriadas por motivo de doença.

Desejando o Governador Geral de Moçambique que para a realisação do objectivo das operações a empreender contra os alemães fossem empregadas as praças do corpo expedicionario de 1916 na guarnição da zona de Pundanhara, foz do Rovuma, e Palma, e encontrando-se elas mui reduzidas pela

doença, tornou-se necessario completar os respectivos efectivos, e, para que se mantivesse, tanto quanto possivel, integro o efectivo da expedição de 1917, egualmente foram enviados reforços.

A totalidade destes reforços, que se calcularam em 40 % dos efectivos das unidades, atingiram:

Oficiais	108
Sargentos	196
Cabos e soldados	3205
Soma	4509 homens

Quer dizer: durante o corrente ano embarcaram para Moçambique efectivos na totalidade de 8800 homens.

Estes reforços embarcaram para Mocimboa nos vapores: *Beira*, em 7 de agosto; *Portugal*, em 25; *Lourenço Marques*, em 24 de setembro e *Mossamedes* em 18 de outubro.

Isto sob o ponto de vista do pessoal.

Com relação a material de guerra, além do que propriamente fazia parte das dotações das unidades, foram enviadas 5000 armas e 3500 equipamentos para as companhias indigenas, 8200 sacos para agua, material de bivaque e de aquartelamento destinado á substituição do que se perdeu em Newala, 6000 cobertores, 5000 lençois impremiaveis, material sanitario, medicamentos, 3000 caixas com aguas minerais, etc. etc.

Entre o material de mais importancia adquirido no estrangeiro figuram as estações de telegrafia sem fios, metralhadoras e muuições, e 55 camions e respectivos pertences.

Dada a importancia dos serviços que ás operações poderiam prestar á aviação, atenta a luta de guerrilhas iniciada pelos alemães, a grande mobilidade das suas forças operando por surpresa em terreno desconhecido, onde o mato abunda, tratou-se da acquisição de uma esquadrilha.

Desta comissão desempenhou-se brilhantemente o oficial aviador da armada Sacadura, que não obstante a situação de momento conseguiu obter em França tres aviões Farman e respectivos pertences e contratou um mecanico especialisado.

Forneceu o Ministerio da Guerra os oficiais, pilotos e avia-

dores, e demais pessoal para o serviço do parque, e contrataram-se os operarios, carpinteiros, serralheiros etc., precisos.

A simples enumeração do que atraz ficou dito é, segundo julgo, bastante para se avaliar quantos esforços e energias não foram necessarios dispender para a organisação da expedição do corrente ano, eguais senão maiores aos de 1916, porquanto corriam quasi a par os embarques de forças para França e para a Africa.

Foi preciso uma tenacidade de ferro para não desanimar no meio de tantas e tantas contrariedades!

Quem de animo leve tiver frases amargas, criticando a forma como foram organisadas as expedições, procederá, assim, por desconhecimento completo dos factos passados e por ter tido a sorte de não se achar, por dever de oficio, obrigado a intervir em tão aspera e ardua missão.

Da teoria á pratica vae um abismo; podendo asseverar-se a todos os que lerem estas linhas, que todos os erros e deficiencias que possam ser apontados á preparação e execução dos serviços expedicionarios tem esta grande atenuante.

Procedeu-se assim, porque melhor não se podia fazer, sendo para louvar o zelo e patriotismo de todos os que desta missão foram incumbidos.

Procedeu-se, assim, porque não é sem perturbações grandes que num país como o nosso, pequeno e sem recursos, se passa abruptamente dum estado de paz para o de guerras, enviando, ao mesmo tempo, corpos expedicionarios para os campos de batalha da Europa e da Africa, em condições diametrialmente opostas.

É a essa diferença de condições que se póde atribuir a grande percentagem de baixas causadas por doenças endemicas nas tropas europeias.

Quando se vê dirigir censuras ás agruras sofridas pelos soldados de Smuts e de Dwenter, quando se vê que entre os combatentes das tropas da União Sul Africa elevada foi tambem a percentagem por doenças, tropas constituidas com afrikanders, que admira, que entre nós tal facto se desse, se, para a Africa tem sido mandados mancebos, na verdadeira excepção da palavra, de 20 a 23 anos, porque outros não ha?

Que admira que seja elevada a percentagem das baixas se, como se deu já este ano com os batalhões de infantaria 29,

30 e 31, bastou tres vezes de permanencia em locais de estacionamento para reduzir, de um terço ou mais, os seus efectivos, já pela pouca edade das praças, impropria para resistir á acção deleteria dos climas tropicais, já, porque grande numero delas eram portadoras de doenças baseadas em depauperamento organico.

Exigia portanto cuidados especiais a organisação do corpo de enfermeiros destinados ao tratamento de tão elevada população hospitalar, mas não tem sido isenta de obices essa organisação, porque não os possue o exercito, não os tem a armada.

Tratou-se então de crear no Hospital Colonial cursos de ensino intensivo de enfermeiros e por este processo se prepararam já perto de 40 e uns 60 se estão tambem preparando, numeros estes a adicionar aos que exercito poude dispensar do seu serviço de mobilisação.

Quanto tem custado as expedições á Africa?

As operações no corrente ano

Para terminar estas considerações, em que por certo me alonguei em demasia, não obstante mais ter a dizer, e como sua confirmação, recorro mais uma vez á logica irrefutavel dos numeros para tentar demonstrar a gradiosidade do nosso esforço em Africa.

Contando sómente com as despezas efectuadas pelo Ministerio das Colonias, com a preparação e manutenção das expedições em Africa tem-se gasto em numeros redondos, em Angola e Moçambique, até ao presente, a elevada cifra de 37000 contos, calculando-se que para a manutenção naquela ultima provincia das forças expedicionarias deverá dispender-se perto de 2000 contos por mês.

Se adicionarmos áquela cifra as verbas dispendidas pelo Ministerio da Guerra com a nomeação e preparação das unidades, sua mobilisação, transportes etc. poder-se-ha fazer uma ideia do sacrificio enorme que ao País tem sido exigido, e que ele, com tanto brio e dignidade ha sustentado.

Só para Moçambique teem sido enviados generos na im-

portancia aproximada de 1100 contos, orçando por 1800 a despesas com os transportes das expedições áquela colonia!

Não tem tido no corrente ano importancia de maior as operações efectuadas em Moçambique limitando-se á repulsa de vários ataques aos postos militares montados no teatro das operações.

Avisinhando-se a epoca das chuvas afigura-se-me que não será já tempo para poderem ser executadas operações de grande vulto e envergadura.

No entanto tudo ali se está preparando para se efectuar a ocupação dos territorios ao Norte de Rovuma em cooperação com as tropas sul africanas, cujas vantagens alcançadas sobre as forças alemãs faz prevêr para um fim proximo a luta travada ha mais de 2 anos.

Vou terminar:

Para os nossos oficiais e soldados que ora alí se encontram vão as minhas saudações, e o desejo veemente de que passam, pelo cumprimento do seu dever, engrandecer o nome da Patria e honrar a farda do exercito portugues.

Possam eles em lances felizes, em arriscadas e ousadas arremetidas, de valor e heroicidade, resgatar os erros que por ventura hajam sído praticados, tornando-se dignos descendentes desta raça tão valente, mostrando aos soldados anglo-boers, com os quais terão de cooperar, que este pequeno povo é bem digno da posse do seu dominio colonial, tão desejado e ambicionado por estranhos.

Soldados portugueses!

Não vacileis!

Sêde nas margens do Rovuma a personificação da honra nacional, que deveis enaltecer e prestigiar, e se, ao regressar á Patria, outra recompensa vos não derem, bastar-vos-ha a consciencia de terdes cumprido o vosso dever, contribuindo para o resurgimento de Portugal á luz da Historia, que registará em suas paginas, como preito de homenagem e gratidão, os sacrificios e agruras passadas em terras de Africa.

E. Barbosa

Ten.-cor. de Infantaria

Sociedade real maritima, militar e geografica

Passou quasi despercebida, entre nós, uma sociedade fundada no fim do seculo XVIII, e de curta duração, infelizmente, mas que prestou altos serviços ao país no pouco tempo da sua existencia. Denominava-se ella: *Sociedade real maritima, militar e geografica, para o desenho, gravura e impressão das cartas hidrograficas, geograficas e militares.*

Em 1874, José Silvestre Ribeiro dizia a seu respeito, no tomo IV da sua «Historia dos estabelecimentos scientificos, literarios e artisticos de Portugal», o seguinte: «Não sendo muito conhecida pela generalidade dos leitores, e porquanto aliás merece honrosa comemoração, vou dar uma noticia dela, com o desenvolvimento necessário para satisfazer a curiosidade daqueles que desejarem instruir-se neste particular».

Da desenvolvida noticia dada por Silvestre Ribeiro, vamos extratar os trechos, modificados em uma ou outra parte, cujo conhecimento mais deve interessar os leitores desta Revista.

Em fins do seculo XVIII reconheceu o Govêrno a falta que sentia a marinha da guerra, bem como a mercante, de boas cartas hidrograficas, falta esta que obrigava a compra-las a nações estrangeiras, e a fazer uso de algumas, a tal ponto incorrectas, que expunham os navegantes a gravissimos perigos.

Por outro lado, era necessária uma carta geral, grande e exacta, de todo o país, na qual trabalhavam pessoas muito competentes, ao passo que tambêm se fornava indispensavel para gravar cartas militares, para uso do exercito, e outras, nas quais fossem delineadas as obras hidraulicas.

Em face destas necessidades, criou o Govêrno, pelo alvará com força de lei de 30 de junho de 1798, a aludida sociedade, a qual foi solenemente instaurada a 22 de dezembro

do mesmo ano, recitando D. Rodrigo de Sousa Coutinho um discurso revelador do interesse que lhe inspirava esta feliz criação.

Assistiu à sessão inaugural o Principe D. João, que pretendeu, com a sua presença, dar um testemunho de consideração aos ilustrados sócios dessa nova agremiação, e comunicar prestigio a um instituto cientifico, que tão esperançoso e prestavel se apresentava.

Compunha-se a Sociedade dos quatro ministros de Estado; de oficiais de marinha e do exército, nomeados pelo Soberano; dos professores efectivos e substitutos das duas Academias de marinha; dos professores da Academia Militar e do Exército; de dois lentes da Universidade de Coimbra, e dos opositores da Faculdade de Matematica, nomeados pelo Soberano, e, finalmente, do director geral dos desenhadores, gravadores e impressores, incumbidos da execução de tão importantes trabalhos.

Compreendia *duas classes:* a 1.ª destinada às cartas hidrograficas, e a 2.ª às cartas geograficas, militares e hidraulicas.

As sessões efectuavam-se no Arsenal de Marinha, mas o director geral residia fóra e igualmente fóra do Arsenal ficavam as oficinas destinadas aos trabalhos de desenho, gravura e impressão.

Todas os despesas corriam por conta da Junta de Fazenda de Marinha, com escrituração em separado, e a cargo da mesma Junta estava o govêrno economico da Sociedade.

A 1.ª classe tinha a seu cargo: 1.º a publicação das cartas maritimas ou hidrograficas, gerais ou particulares, para o serviço da marinha de guerra e mercante; 2.º fixar a fórma e grandesa da escala e do conteúdo de cada carta geral ou particular, que houvesse de ser publicada sob sua responsabilidade; fixar os preços, por que deviam ser vendidas as cartas que se publicassem; 4.º examinar, aprovar e rubricar as cartas maritimas, estrangeiras ou nacionais, cobrando pela rubrica uma taxa, que devia entrar no cofre da Sociedade; 5.º publicar uma exacta analise das cartas maritimas estrangeiras, cuja venda auctorizasse; 6.º examinar e determinar quais as agulhas de marear que deveriam ser postas à venda, cobrando uma taxa por êsse exame e aprovação, 7.º fazer preparar e

publicar as melhores e mais correctas cartas celestes e tábuas astronómicas, pelas últimas observações, para uso da navegação e dos astronomos, em todos os dominios portugueses; 8.º redigir e publicar um novo roteiro, corrigindo o que então existia, servindo-se para esse fim, não só de todas as novas observações dos pilotos portugueses, mas de todas as que se encontrassem nas viagens, nos roteiros e nas cartas hidrograficas das nações mais adiantadas na navegação, devendo comprar todas quantas podessem enriquecer o deposito de cartas que fosse publicando.

A esta classe deviam todos os pilotos remeter as suas derrotas. Ficava autorizada para convocar os pilotos mais habeis, quando conviesse elucidar algum ponto duvidoso.

Igualmente podia recomendar aos comandantes dos navios de guerra os exames que tivesse por convenientes para o melhor e mais exacto conhecimento das cartas, dano ou demora das comissões de serviço. E, finalmente, podia solicitar do govêrno algum cruzeiro ou viagem, com o fim de examinar ou rectificar algumas noções maritimas.

A 2.ª classe tinha por principal missão publicar a carta geografico-topografica do país, que o govêrno mandara levantar, e na qual se estava então trabalhando.

Tinha a seu cargo o deposito e a gravura das cartas militares, tendentes à defesa do reino e dos dominios ultramarinos, devendo mandar desenhar e gravar as cartas de canais e de outras obras hidraulicas, destinadas a facilitar as comunicações interiores do país e a fertilizar os terrenos por meio de irrigações e bem assim publicar cartas particulares, deduzidas da grande carta, depois de concluida esta, para que servissem de base a um exacto cadastro geral das provincias.

«Faz gosto, diz Silvestre Ribeiro, repassar pela memoria o belissimo alvará e percorrer todas as minudencias a que êle desceu, no sentido e para o fim de fazer prosperar a marinha e melhorar a administração do país.

Muitos louvores merece D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a quem coube a gloria da criação desta Sociedade, pela profundeza com que especificou os encargos de que a incumbia, e pela liberalidade de animo com que dotou este serviço.»

A Sociedade poderia consultar o govêrno sôbre os meios de obter artistas nacionais ou estrangeiros, habeis na constru-

ção dos instrumentos matematicos e fisicos, indicando ao mesmo tempo o melhor modo de criar um estabelecimento para a feitura daqueles instrumentos, e de todo o genero de máquinas, o qual se aumentaria com os artistas portugueses que se tinham mandado aprender no estrangeiro.

Tudo foi grandioso nesta criação. Foram estabelecidos quatro premios anuais de tresentos escudos cada um, para recompensar os sócios ou outros individuos, que mais se distinguissem nos trabalhos de que fossem incumbidos; e mais dois de duzentos escudos cada um, para recompensar, ou os pilotos que apresentassem o melhor roteiro, ou quem escrevesse as melhores memórias sôbre assuntos hidrograficos ou geograficos, ou sôbre as ciências exactas que mais intima ligação teem com as cousas maritimas.

Nos anos de 1799 a 1802 reuniu-se a Sociedade regularmente, e ocupou-se dos objectos acima indicados.

Pelo decreto de 1 de abril de 1802 foi instituido o *Deposito de escritos maritimos*, o qual em 1807 foi transferido para o Brasil.

Na sessão de 14 de janeiro de 1803 foram adjudicados premios aos seguintes sócios: Francisco Antonio Ciera, Manuel do Espirito Santo Limpo, Mateus Valente do Couto e Maria Carlos Demoiseau de Montfort e ao piloto José Fernandes Portugal. Na mesma sessão foi nomeado secretario da Sociedade o conhecido matematico Francisco de Paula Travassos, oficial de engenharia.

No decorrer de 1803, afóra os trabalhos premiados dos sócios e pilotos referidos, foram apresentados alguns metodos, análises, calculos, plantas e observações sôbre assuntos nauticos e topograficos.

Em 1804 os seguintes trabalhos: Observações sôbre a análise da polvora; Elogio historico de D. Rodrigo de Sousa Coutinho; Resumo topografico-estatistico de Portugal; Análise de um escrito intitulado: «Memória hidrografica das ilhas de Cabo Verde; Ensaio fisico e politico da ilha de S. Nicolau; Metodo ou necessidade das medidas portuguesas para as aguas.

Em 1805 os escritos seguintes: Memória sôbre a utilidade e necessidade de aplicação do calculo à manobra de caça dos navios; Tábuas de Venus para o meridiano do

Observatorio Real de Marinha em Lisboa: Exposição de um metodo para a observação das marés; dissertação sôbre os metodos de achar a longitude no mar, e especialmente sôbre os relogios maritimos, cujas irregularidades, provenientes das variações de temperatura, se pretende evitar inteiramente; Formulas gerais das desigualdades planetarias de 3.ª, 4.ª e 5.ª dimensão das excentricidades e das inclinações das orbitas; Descrição e desenho de alguns novos alambiques, proprios para a distilação da agua do mar.

Á Sociedade Real Maritima foi fornecido tudo quanto era necessario para que ela prosperasse, sem esquecer a honra de celebrar as suas sessões na presença do Soberano.

Esta Sociedade não foi extincta por determinação legal; deixou de existir desde que a familia real portuguesa e a côrte passaram, no ano de 1807, para o Brasil.

«O importantissimo material da Sociedade, diz José Maria Dantas Pereira, oficial de engenharia ilustre, e que foi secretario geral da Academia das Ciências de Lisboa, foi transportado para o Brasil em 1807, em parte; a outra parte foi conduzida posteriormente, acompanhando o remanescente espolio da Companhia dos Guarda-Marinhas.»

Da Sociedade Real Maritima fizeram parte os mais brilhantes nomes da epoca, tais como: Antonio Teixeira Rebelo, coronel de artilharia, e fundador do Colegio Militar; Bartolomeu da Costa, tenente-general, bem conhecido pelos serviços que prestou na fabrica da polvora e por outros; D. Francisco Antonio Ciera, lente da Academia Real de Marinha, e bem conhecido pelos seus trabalhos geodesicos; Francisco de Borja Garção Stockler (mais tarde barão da Praia da Victoria), tenente-general, matematico ilustre e lente de Academia Real das Guarda-Marinha; José Maria Dantas Pereira, lente tambêm desta Academia e oficial de engenharia como já se disse; Dr. José Monteiro da Rocha, matematico ilustre e astronomo eminente, vice-reitor da Universidade de Coimbra; Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia, lente de matemafica da mesma Universidade; Manuel Pedro de Melo, lente da Academia Real dos Guarda-Marinhas, e depois da Universidade de Coimbra; Marquês de Marialva, D. Pedro, tenente-coronel de cavalaria; Marquês de Niza; Pedro Folque e Reinaldo Oudinot, respectivamente capitão e coronel de engenharia; Fran-

cisco Simões Margiochi, Francisco de Vilela Barbosa e Mateus Valente do Couto, socios efectivos da Academia; Carlos Frederico Bernardo de Caula; Paulo José Maria Ciera, José Carlos Mardel; José Bonifacio de Andrada e Silva, que foi secretario geral da Academia das Ciências de Lisboa; Pedro Celestino Soares, lente da Academia Real de Fortificação; João de Orda e Queiroz, tenente-general; Luís Candido Cordeiro Pinheiro Furtado e José de Sande e Vasconcelos, brigadeiros do Real Corpo de Engenheiros; Conde da Ribeira e Francisco de Alincourt, coroneis do mesmo corpo; José Antonio Raposo, Ricardo Luís Antonio Raposo e José Champalimaud de Nussane, tenente-coroneis do mesmo corpo; Joaquim de Oliveira, Henrique Nemeyer e José Auffdiener, sargentos móres, idem; Francisco Antonio Raposo, Luís Gomes de Carvalho e João Manuel da Silva, capitães do referido corpo; Custodio José Gomes Vilas Boas, tenente, idem; Aires Pinto de Sousa, capitão de artilharia; Maria Carlos Damoiseau de Montfort; Manuel do Espirito Santo Limpo, oficial de engenharia distinto; Francisco de Paula Travassos, idem; e Manuel Travassos da Costa Araujo.

* * *

Silvestre Ribeiro dá indicação de alguns trabalhos que na Sociedade foram lidos pelos sócios, e que se perderam todos. São eles:

«Diario do Observatorio Real de Marinha», de diferentes meses, por Manuel do Espirito Santo Limpo e Paulo José Maria Ciera.

«Informações sôbre as derrotas para o Maranhão e Pará» e «Carta de José Patricio de Sousa», por Filipe Alberto Patrone.

«Regimento de sinais maritimos», por José Maria Dantas Pereira.

«Memória sôbre a absoluta necessidade de nitreiras nacionais», por Manuel Jacinto Nogueira da Gama.

«Parecer sôbre o metodo de determinar a longitude geografica por distancias lunares, sem a observação da distancia aparente», por Custodio Gomes de Vilas Boas.

«Informação sôbre as cartas do Brasil e Catalogo de posições de José Fernandes Portugal», por Francisco Vilela Barbosa.

«Instruções e regras derivadas da teorica da construção naval aplicada á manobra e carregação dos navios».

«Exposição dos conhecimentos precisos para formar o espirito e o coração de um habil oficial de marinha», por Francisco Simões Margiochi.

«Memoria sôbre a divisão hidrografica do globo, atendendo ao comercio em geral, e mais particularmente ao comercio nacional», por José Maria Dantas Pereira.

«Memoria sôbre a necessidade de levantar cartas topograficas e formar memorias, em que dê conta, em detalhe, dos terrenos, relativamente aos movimentos militares», por Antonio Teixeira Rebelo.

«Exposição de diferentes planisferios pela projecção da esfera sôbre diversos planos», por José de Sande Vasconcelos.

«Memoria sôbre o metodo de levantar cartas topograficas militares, em que se expõe como neste trabalho se poderá igualmente atender a muitos outros interessantes», por Anastacio Joaquim Rodrigues.

«Uma folha, que contêm varias tabuadas para achar a distancia verdadeira dos centros de dois astros no calculo das longitudes», por José Monteiro da Rocha.

«Reflexões sôbre alguns melhoramentos das cartas maritimas», por Manuel Pedro de Melo.

«Memoria sôbre as causas da afluencia das areias nos rios, e nas praias, e meios de as diminuir, e os seus estragos, com aplicação á restauração de alguns portos dêste reino», por Reinaldo Oudinot.

«Memoria sôbre o projecto do encanamento do rio Lima»; «Memoria sôbre o porto de S. Martinho»; «Proposta para a construção de um farol êntre o Porto e Caminha», por José Auffidiener.

«Memoria sôbre o melhoramento da barra da Figueira», por Luís Soares de Carvalho.

«Considerações gerais, que devem anteceder os trabalhos relativos ao melhoramento dos portos de mar», por Luís Candido Cordeiro Pinheiro Furtado.

«Exposição das observações e seus resultados sôbre a de-

terminação dos principais portos e cabos da costa de Portugal», por Francisco Antonio Ciera.

«Diario da viagem de Moçambique para os rios de Sena», por Francisco José de Lacerda e Almeida.

«Memoria sôbre o Atlas da Cartuxa», por Gonçalo Lourenço Botelho de Castro.

Projecto da carta militar de uma parte da fronteira», por Carlos Frederico Bernardo de Caula.

«Apontamentos para as observações das marés»; «Determinação da marcha de Time-Keeper d'Arnold»; «Informação sôbre a noticia do Baixo, visto pelo capitão Woley», por Francisco Antonio Ciera.

«Censura do plano das Ilhas de Cabo Verde tirado por Francisco Antonio Cabral»; Exposição da observação com o calculo da passagem de Mercurio pelo disco do Sol em 7 de maio de 1799»; «Reflexões sôbre as novas Ilhas, denominadas de Anadia por Joaqnim José Pereira Pinto», por Manuel do Espirito Santo Limpo.

E tudo isto se perdeu!....

R. G.

A CAVALARIA

(Continuado de pag. 44)

Em todos os exercitos, entre as multiplas missões já destinados à cavalaria, é-lhe imposta, logo no começo da campanha, acompanhada ou não das outras armas, conforme a importancia da missão, a de cobrir a fronteira contra as incursões possiveis do inimigo de maneira a poderem ser executadas todas as operações de mobilisação e concentração, evacuação do material de caminho de ferro, protecção das vias ferreas, obras de arte, comunicações telegraficas, etc., como tambem a de efectuar, com o mesmo fim, incursões em territorio inimigo e procurar logo encontrar o adversário estabelecendo e mantendo o contacto de maneira a poder obter o maior numero de dádos acerca da sua força, situação e movimentos. Extranho parece pois, à primeira vista, que não se tivesse dádo um consideravel numero de recontros, de maior ou menor importancia, o que aparenta assim uma falta de audacia de ambos adversários; mas, se se considerar a enorme dificuldade em perfurar os corpos de cobertura da fronteira, já em tempo de paz com efectivos de guerra, apoiados num sistema de fortificações em fórma de frentes continuas, fortificações aperfeiçoadas com todos os melhoramentos que o génio humano poude introduzir, e ainda atendendo à rapidez extraordinaria com que se procedeu à mobilisação em ambos os países e à situação politica das respectivas nações cujas diplomacias continuavam falando em paz e arbitragem, apezar de já terem começado febrilmente as primeiras operações para passarem ao estado de guerra, achar-se-ha bastante justificado o não se terem tentado realisar aquelas missões repetidas vezes.

No emtanto, apezar das enormes dtficuldades mencionadas, não permaneceram inactivos os cavaleiros, pois procede-

ram desde logo a incursões em territorio inimigo, em que, travando lutas de maior ou menor importancia, experimentaram ao cruzar das suas armas o seu valor combativo, audacia e coragem que os acompanhava. Não querendo tornar este artigo muito extenso com citações, mencionarei entretanto: o combate travado no dia 2 de Agosto com uma companhia de infantaria francesa por um pelotão de hulanos, perto de Delle, na região de Belfort, que se internou até às imediações da aldeia de Florimont; no dia 3, a requisição efectuada por um esquadrão alemão em Vellexon, região de Belfort e a destruição por uma pequena força alemã das redes telegraficas e telefonicas nas colinas de Urbitz e de Bonhomme; o combate dádo pelos dragões franceses perto da aldeia de Malkirche para destruír o caminho de ferro de Colmar, etc., etc.

Sobre a maneira como se conduziram as 12 divisões de cavalaria alemã, com que se defrontaram 10 de cavalaria francesa, a belga (1 divisão e 6 regimentos) e a inglesa (1 divisão e algumas brigadas), perto de 40.000 cavaleiros de cada lado (o numero indica a importancia dáda à cavalaria pelos melhores exércitos do mundo), agrupadas em corpos de exército e até mesmo em verdadeiros exércitos, acompanhadas de batalhões de infantaria, canhões, metralhadoras, ciclistas, etc., reproduzirei o que o notável critico espanhol, o tenente coronel de engenharia (portanto insuspeito de parcialidade para a arma) D. Juan Avillez, diz no artigo «La caballeria allemana e la artilleria franceza» da cronica militar de «La guerra europea» de 2 de Setembro de 1914: «Na actual campanha, a cavalaria alemã corresponde ao que dela se esperava. Na Alsacia, graças à vigilancia da cavalaria, reconheceu o efectivo e o objectivo dos franceses, ao empreenderem estes a sua primeira tentativa contra Mulhouse, e poude ser planeada a contra-ofensiva alemã. Quando os franceses, com forças maiores repetiram o avanço, a cavalaria inimiga cobriu a ala esquerda do exército e ameaçou a direita francesa, junto à fronteira suissa; a superioridade da cavalaria francesa obrigou-a a retirar porem não sem que tivesse detido o avanço francês 24 horas, tempo necessario para que retirasse o grosso dos alemães e se perdesse o contacto entre os dois exércitos, obrigando os franceses a uma nova pausa para voltarem a orientar-se a respeito da situação do adversário. Onde aparece mais manifestamente

a acção da cavalaría alêmã é no exército do N. ou seja o da Belgica. Várias divisões de cavalaria, destacando para a frente patrulhas, seguidas de perto pelo grosso dos regimentos, cobriram toda a frente do exército, mantiveram o contacto com o inimigo, reconheceram-no e tentearam-no, não vacilaram em atacar e sustentar o combate a pé, valendo-se das carabinas e desorientaram por completo, não sômente o quartel general belga como tambem os quarteis generais francês e inglês. Essa acção da cavalaria explica a aparente contradicão que se observava nos despachos oficiais belgas que davam por derrotado num ponto o inimigo que no dia seguinte aparecia 20 ou 25 kilometros mais a Oeste; desvanece as poucas duvidas, que ficavam acerca das repetidas vitórias belgas, seguidas semqre por uma precipitada retirada que não eram mais que combates empenhados pela cavalaria alemã, mercê dos quais lhes bastava logo às colunas principais desembocar nas direcções convenientes para obrigar os belgas a retirar a toda à pressa. Ao mesmo tempo essa cavalaria conseguiu despistar o inimigo. A frente de desenvolvimento alemã, ficou oculta por uma densa cortina de cavaleiros e as massas de infantaria e arttlharia apresentaram-se constantemente onde menos eram esperados; atravessaram o Mosa quando todos julgavam que para isso seria necessário o local de Namur; envolveram as defesas dessa praça e levaram a confusão a ponto que ainda ninguem sabe[1] se os alemães iniciaram já a conversão da sua ala estratégica (exército do Norte) para as fronteiras da França, ou se trata de envolver e isolar o recinto fortificado da Antuerpia. Combinando este serviço de exploração e reconhecimento com o da segurança do exército e o de complemento dos movimentos estratégicos, a cavalaria alemã não vacilou em ameaçar a passagem por Dinant, tendo ali detidos durante 3 dias as vanguardas francesas e atraíndo para si o pêso do inimigo durante o tempo suficiente para que se completasse o desenvolvimento do exército e passasse o Mosa, seguindo para O. pelo N. de Namur. Desta sorte, a cavalaria alemã sendo por sua vez o olho e a vista do seu exército formou uma venda que tapava a vista do inimigo. Dificilmente uma cavalaria po-

[1] Quando o autor concluia o artigo.

derá obter um exíto maior em qualquer guerra do futuro». E ainda no n.º 7 do mesmo mês referindo-se às operações de 25 a 31 de Agosto, diz: «É de insistir de novo sobre a audacia e eficacia da soberba cavalaria alemã que, desprezando os perigos, explora e reconhece a muitos kilometros do exército e não vacila em disseminar-se e levar o panico e o terrôr a regiões inimigas muito distantes».

Entre as muito brilhantes acções da cavalaria alemã, deverei citar o ataque de 2 regimentos de hulanos, em 4 de Agosto, perto de Spa, contra a infantaria e ciclistas belgas, em que os esquadrões, combinando a acção, a pé, de frente com outra de flanco a cavalo, carregaram 4 vezes no espaço de $^1/_2$ hora; a luta entre uma divisão alemã que alravessa o Mosa no dia 7 e a divisão de cavalaria belga reforçada com secções de ciclistas; o combate na região de Haelen de uma divisão de cavalaria, reforçada com artilharia e infantaria transportada em automoveis, contra uma brigada mixta belga entrincheirada nas casas, em que os esquadrões de hulanos, lançados à carga sobre o terreno cheio de obstáculos, tomaram à viva força as posições, a despeito do violento fogo da infantaria e das metralhadoras que lhes causaram enormes perdas; a carga dos hussares bavaros no combate de Lagarde, na Lorena, contra o flanco da infantaria francesa em que em troca duma carga mortal (alguns esquadrões com 70 % de baixas) colheram milhares de prisioneiros e muitos canhões; o impetuoso ataque de Dinaut, em 25 de Agosto, da divisão da Guarda e a 5.ª alemã contra a cavalaria francesa apoiada por infantaria e artilharia, que apezar de ter fracassado como era natural, fez perder aos franceses 3 dias no seu avanço, etc., etc.

A cavalaria francesa, adversária digna da alemã e muitas vezes superior a ela, é enviada no dia 9 de Agosto em socorro dos belgas; a 10, ao N. de Verdun, dá informações complelas sobre as posições inimigas contribuindo assim para a vitória de Mangiennes; a 11, a 8.ª divisão é lançada para a frente para proteger a retirada das tropas do VII corpo de Altkirch, para Giromancy, ao N. de Belfort; a 14, entra vitoriosamente em Saales, repele os hulanos para alem de Schirmeck e nos combates seguintes, na região de Stagni, dá informações seguras sobre as posições ocupadas pelo inimigo, ameaça-as de flanco com um extenso envolvimento e, depois da batalha,

lança-se em perseguição do inimigo, ocupando Chatheau-Salins na Lorena e Lutzelhausen no caminho para Strasburgo; etc., etc.

A cavalaria belga bateu-se heroicamente defendendo o seu territorio nacional, só o cedendo ao inimigo depois de terriveis lutas de uma extraordinária resistencia.

Sobre a cavalaria inglesa bastante elucidativos são os relatorios do general French, preciosos não só pela autoridade do seu autor como pela clareza, sinceridade, e inumeros detalhes nele contidos. Mostra bem o papel importante e eficáz que ela desempenhou (bem como a francesa e a alemã, embora menos detalhadamente) desde o começo do grande choque entre os grandes exércitos adversários—a batalha geral do Sambre—em que, não só executando todos os serviços que pelos regulamentos lhe estão destinados como peculiares em tais casos, como tambem cooperando ininterruptamente na acção de conjunto até esgotar quasi por completo cavalos e homens, se conduziu heroicamente, sendo a sua acção sempre requerida em momentos dificeis e arrastando-se por vezes até mesmo ao sacrificio (carga de Mons pela 2.ª brigada de cavalaria do comando do general De Lisle).

Admiravel é o serviço da cavalaria no periodo denominado «do Somme ao Marne», em que, durante a mais dificil operação que se póde realisar em campanha—a retirada ante um inimigo vitorioso que persiste na perseguição com toda a sua energia—o seu excelente trabalho completou a perigosa e dificil manobra de cobrir a retirada. Apoiando-se por todos os meios humanos possiveis, travou duros combates com a cavalaria alemã que, apezar das sensiveis baixas já tidas e da fadiga mais dos cavalos do que dos homens, nunca afrouxou a sua actividade quer avançando rapidamente, mantendo o contacto e agarrando-se às rectaguardas inimigas sem lhes dar momento algum de repouso, quer ocupando sucessivamente localidades importantes, quer informando constante e oportunamente o comando sobre a situação do adversário e posições ocupadas por ele. Abrindo caminho à sua infantaria, ocupou sempre a tempo, graças à decisão das guardas avançadas e muitas vezes até da de pequenas patrulhas, as passagens sobre o Aisne, Oise, Marne, Petit e Grand Morin, restabelecendo rapidamente as pontes destruidas como em Noyon e sobre o Grand Morin.

Para indicar duma maneira geral as acções realisadas pelas cavalarias durante este periodo, transcreverei um ligeiro diario de operações, do major italiano Eugenio Massa:

27 de Agosto.—A cavalaria alemã do exército de Von Kluck, sob o impulso da coluna qne precede, ataca o exército inglês nas suas posições de Guise, sobre o Oise, ao N. de S. Quintino. Fracções de cavalaria dos exércitos de Kluck e de Bülow, aparecem entre o Sambre e o Mosa a E. de Maubeuge. A cavalaria do exército do duque de Wurttemberg persegue o inimigo para alêm de Semoy e passa felizmente o Mosa. Um destacamento de cavalaria do exército do Kronprinz ocupa Longwy.

28 de Agosto.—A cavalaria inglesa sustenta a retirada do seu exército sobre Noyon-Chauny—La Fère. A alemã avança sobre Laon.

29 de Agosto.—Continua a protecção da cavalaria inglesa para a retirada do exército de French sobre a linha Compiègne-Soissons. A vanguarda da cavalaria germanica choca com os dragões, originando um forte combate entre Lannoy, Signy-l'Abbaye e Novion Porcien. Esquadrões de hulanos ocupam La Fère. A cavalaria francesa repele a alemã em Guise.

30 de Agosto.—O exército francês, sob a proteeção de fortes guardas da rectaguarda, retira sobre a linha do Somme e do Oise, e a cavalaria. com habilissima manobra e com uma audacia cheia de fervorosa intrepidez, protege a retirada, conseguindo com a sua conducta energica entorpecer e díminuir a activa perseguição da cavalaria alemã.

31 de Agosto.—Os hulanos ocupam Givet.

1 de Setembro.—Um corpo de cavalaria alemã, em marcha para o forte de Compiègne, trava combate com um regimento de infantaria escoceza repelindo-o. Um forte corpo de hulanos e hussares ocupa a linha Soissons-Anizy le Chateau.

2 de Setembro.—A cavalaria inglesa cobre a retirada do seu exército sobre a linha Chautilly-Nanteuil. Destacamentos de hulanos estendem as suas incursões chegando a Senlis, 35 quilometros de Paris.

3 de Setembro.—Continua a retirada do exército inglês que, sob a protecção da sua cavalaria, toma posições ao S. do Marne, entre Lagny e Signy.

Destacamentos de cavalaria alemã ocupam Suippes, Ville

sur Tourbe e Chateau-Thierry. A cavalaria do exército de Von Kluck passa quasi deante das defesas de Paris. Contemporaneamente ao rápido avanço da potente massa de cavalaria alemã para O., outra massa, constituindo a vanguarda de numerosos corpos de exército, desce em grande parte para S., na presença do exército adversário. A cavalaria, sob o comando do general Von Marwitz, cobre brilhantemente as avançadas dos exércitos de Kluck e de Bülow durante o seu extenso movimento de conversão para S. O., ao passo que a totalidade do exército alemão, fazendo caso omisso do campo entrincheirado de Paris, ocupa Ferté-sous-Jonarre, chega a Beims, logo ao Aisne, e a O. do Mosa desce ao largo de Argonne entre Sédan e Verdun».

Vem depois a batalha do Marne, em que quasi a totalidade das cavalarias alemã e franco-inglesa se defrontaram. A quem faça um estudo completo sobre a acção e episodios que se deram, não só na preparação como durante e final desta gigantesca batalha, dáda sobre uma linha imensa de 300 quilometros em que milhões de homens combateram, impossivel é, pela enorme extenção que teria, apresentá-lo num simples artigo duma revista. Nele se verá que, apezar dos serviços ja desempenhados, ainda as cavalarias estiveram à altura das missões que lhe foram exigidas, intervindo em todas as variadissimas fases desta tão grande batalha, com a actividade necessaria.

A cavalaria inglesa assinala ao comando a mudança de direcção de marcha do exército de Von Kluck obliquando para S. O., e a formação duma forte rectuguarda (4.ª divisão de cavalaria e IV corpo de reserva) sobre o Ourcq; patrulhas de cavalaria lançados por Coulommiers e Montmirail informam sobre o momento preciso em que o inimigo atravessa o Marne, perto de La Ferté-sous-Jouarre; a cavalaria duma coluna mixta enviada contra as forças alemãs no Ourcq trava um combate feliz com a cavalaria adversária, continuando a sua exploração até que caíu sobre a acção da artilharia inimiga. É a cavalaria inglesa que contribue grandemente para o feliz resultado da batalha, nunca perdendo o contacto com o inimigo e ameaçando-o constantemente de o envolver.

A cavalaria francesa informa a aproximação de fortes colunas alemãs que, ameaçando a extrema esquerda da linha francesa, fazem retirar a esquerda do 6.º exército, instante cri-

tico em que a vitória do Marne oscila; a cavalaria do exército de Franchet d'Esperey, no combate de La Ferté-Gaucher e de Esternay, entra em plena batalha contra o exército de Bulow, contribuindo grandemente para o primeiro recuo dos alemães em direcção ao Marne, repelindo-os vigorosamente até à floresta de Apremont; a cavalaria do exército do general Sarrail ajuda valorosamente a resistir a todos os assaltos não só de algumas divisões do duque de Wurttemberg como da impetuosa guarda avançada montada do exército de Kronprinz, perseguindo depois o inimigo ao N. do bosque das Tres Fontes e ocupando Clermont-en-Argonne, Consenvoye, etc., etc.

E' a 12 de Setembro que a vitória francesa aparece certa, indiscutível e definitiva pela retirada do exército alemão em toda a sua frente, vitória qne a cavalaria teria determinado eficazmente a debandada, se se tivesse realizado a ofensiva consecutiva à batalha, que pela falta quasi completa de munições e d'artilharia pesada não se pôde realizar.

Começa então um novo periodo de cobertura duma retirada e de perseguição do inimigo, porèm agora inversamente ao sucedido no periodo do Sambre ao Marne, até que o exército alemão recolheu às posições préviamente fortificadas no Aisne e nos montes setentrionais d'Argonne.

Para todas as ocasíões difíceis foi a cavalaria sempre chamada, intervindo útilmente, quer ocupando momentâneamente pontos d'apoio afim de paralizar por algum tempo o avanço do inimigo, quer preenchendo os interválos que durante o combate se produziram entre os corpos d'infantaria.

Constituindo estas aberturas um grande perigo para os exércitos em que se davam e tentando o adversário sempre aproveitá-las, foi à cavalaria qne coube a árdua missão de evitar que êsses interválos fôssem devassados e déssem logar ao envolvimento de qualquer das álas dos exércitos que ligáva, o que sempre conseguiu com a sua hábil e enérgica resistência. Assim na batalha do Marne, a divisão de l'Epée cobre e espaço que alargava entre o exército Foch e o de Langle de Cary; o corpo Conneau preenche o grande interválo entre o 5.º exército francês e o exército inglês, obstando a que as tropas de von Kluck se lançassem atravez dêle e envolvessem aqnêle exército. E' para ocupar o interválo de 40 quilómetros, tão perigoso, entre o Ourcq e a ála da direita do III corpo, que

o comando alemão faz apêlo às duas divisões da cavalaria de von Marwitz que se mantiveram todo o dia 6 até à manhã do dia seguinte, apezar de fazer frente a todo o exército inglês. Foi ainda esta cavalaria, conjuntamente com a do general Richthofen, encarregada no dia 8, de ocupar uma extensa linha de defesa entre La Ferté-sous-Jouarre e Viels-Maisons, espaço deixado livre pela partida do 3.º e 9.º exércitos alemães para o Ourcq, travando-se novamente um violento combate com o exército inglês. E' a 9, quando as duas divisões de von Marwitz já não podiam aguentar o choque dêste exército e peora a sua situação pelo avanço no seu flanco esquerdo do corpo de cavalaria Conneau e guarda avançada do XVIII corpo francês, que se torna bem nítido o papel importante que a cavalaria estava desempenhando, porque só quando von Marwitz comunicou que não se podia manter por mais tempo, a ordem definitiva da retirada foi dada por von Bluck. *O limite máximo da resistência da cavaiaria constituiu por isso o factor que, atingido, não podia demorar por mais tempo,o começo da retirada.*

Quer durante a retirada do exército alemão, quer depois, na batalha do Aisne, na «corrida para o mar», na batalha de Flandres, na guerra de sítio, etc., etc., figura sempre a cavalaria tomando parte activa; na guerra de movimento, cobrindo o movimento dos seus exércitos, empenhando combates com o inimigo e ocupando localidades e pontos d'apoio com a antecipação que ao comando convinha; na guerra de posições, separando-se dos seus cavalos para manejar a sua carabina e a picareta, enterrar-se nas trincheiras similhantemente à infantaria, cooperando assim na acção geral do exército e contribuindo ainda para o descanço da sua fatigada infantaria.

Foi a cavalaria franco-inglesa que salvou a França antes do Marne, impedindo a cavalaria alemã de desempenhar completamente a sua missão de preceder e cobrir a ála manobradora, pois a não ser assim, quando von Kluck entrou em Senlis, deveria a sua cavalaria entrar em Paris (o comunicado alemão chegou a dizer que a sua cavalaria «patrulhava até deante de Paris») e então não se poderia ter dado a vitoriosa batalha do Marne. Foi aínda a cavalaria que, em Outubro de 1914, retardando a marcha dos exércitos alemães, libertos pela queda de Antuerpia, deu o tempo necessário para que se efectuasse

o desembarque de 2 corpos ingleses e o IX francês que evitaram o aniquilamento do exército belga e como conseqüência a perca da Belgica, Dunquerque, Calais, Flandres e Artois e provàvelmente estabelecer-se a frente sôbre o Somme.

(Continúa)

LUIZ ANTONIO DE CARVALHO VIEGAS
Tenente de Cavallaria

Depois do combate, qual dos processos deve ser preferido, a cremação ou a inumação?

Na antiguidade, a cremação, foi utilisada pelos Cartaginenzes, Hebreus, Hindus, Phenicios, etc., etc.

A inumação era sómente reservada aos indivíduos de elevada gerarquia e realisavam-a, praticando os mais sanguinários crimes.

Na Grecia, berço da civilisação, Achilles, por morte de Petrocolo, mandou massacrar e incinerar doze principes Troyanos. No tumulo de Philepmen foram imolados e depois incinerados os prisioneiros messénios.

Os Indios do México sacrificaram os prisioneiros de guerra e os escravos por morte de Cacique ou outro potentado, matavam tambem o Sacerdote, e o pessoal que havia servido em sua casa e levavam os cadaveres para serem incinerados na montanha Chapultape, onde era enterrado o Cacique, e, as cinzas dos corpos que haviam sofrido a cremação, atiradas ao vento. Na campanha da Russia, em que os franceses, desbaratados, abandonavam atrás de si centenas de cadaveres insepultos, os Russos empregaram a cremação, como rapido processo de destruição cadaverica.

Em 1814 os alemães, depois da batalha de Paris, transportaram para Montfaucon, seguramente 4.000 cadaveres, que foram incinerados por uma elevada temperatura. Na Bahia, por ocasião da epidemia da cólera, tambem se incineraram alguns cadaveres. A cremação foi empregada mais de uma vez, no exercito, na campanha do Paraguay. Na Alemanha, em 1874, começaram a praticar em maior escala a cremação, com o auxilio do forno de Siemens. Na Holanda é empregada desde 1874. Em 1875 o Conselho Comercial de Viena vota, por unanimidade, um projecto de lei, auctorisando a cremação facultativa. Em 1879, instalou-se na Alemanha o crema-

torio de Gotha, sendo incinerado o cadaver de Stier, um dos maiores propagandistas da cremação. Em 1880 foi incinerado pelo aparelho Gosini, o corpo do professor Polli.

Na Belgica existem aparelhos aperfeiçoados para cremação.

Nos Estados Unidos, em Abril de 1881, fundou-se em Nova-York uma sociedade de cremação, com o capital de 60.000 dollars. Nas proximidades de Washington existe um crematorio mandado construir pelo sr. Lemoyne. No Japão o crematorio Kringe que é o mais importante, incinera actualmente mais de 15.000 cadaveres. Em 2 de Junho de 1882 faleceu em Caprera, Garibaldi.

Atendendo ao seu pedido feito em testamento, o governo italiano mandou incinerar o corpo do inesquecivel cabo de guerra.

O sr. Bossini, engenheiro italiano, procurou introduzir no Brazil o uso da cremação. O conselheiro Leoncio de Carvalho, quando ministro do Imperio, lembrou-se de facultar a cremação, para que cessassem as epidemias, que nos assolavam. Em 1883, existiu entre nós uma sociedade de cremação, presidida pelo Dr. Domingos Freire, da qual fazia parte o Barão de Ibituruna:

Nesse mesmo ano (1883) o Dr. Domingos Freire foi nomeado pelo então Ministro do Imperio, sr. João Vellozo, para estudar as causas e o tratamento da febre amarela. O dr. Domingos Freire submetendo ao microscopio um pouco de terra retirada de uma sepultura, no cemiterio de Jurujuba, verificou a existencia do criptococus xanthogenicus que, em sua opinião, era o causador da molestia. Submetendo duas cobaias a uma atmosfera confinada, onde colocara essa terra, esses animais começaram a apresentar os sintomas de febre amarela, pouco depois morreram, e o exame do sangue denunciou microbios identicos aos que se encontravam na terra.

Estava, portanto, verificado que o cemiterio de Jurujuba produzia o micro-organismo da febre amarela. O dr. Araujo Góes publicou em 1883, no «Jornal do Commercio» alguns artigos, declarando ter encontrado o criptococus xanthogenicus em terras do quintal de sua casa à praia do Flamengo, na de uma outra da rua S. José, no Jardim do Externato Pedro II, em amostras vindas de Petropolis, Belem e Resende; nos barros, provenientes das chuvas, das ruas do Caltete, Senado,

Inválidos e Visconde do Rio Branco. As preparações do dr. Araujo Góes, a seu convite, foram examinadas em sua residencia pelo dr. Domingos Freire, que, verificou e confirmou, a existencia dos micrococus e celulas sporutodas.

O conselheiro Leão Velloso, impressionado, por tão concludentes resultados, mandou construir na Jurujuba um forno de cremação para serem incinerados os cadaveres dos individuos falecidos de febre amarela. O forno, que custou um dinheirão, actualmente serve para cremação de cachorros. Em Canudos foi praticada a incineração. Os drs. Trounoint e G. E. Schneider, dizem que, em um campo de batalha de muitas leguas, o transporte de cadaveres a uma grande distancia torna impossivel a inumação, havendo falta de tempo e de meios. Actualmente, em todos os países em guerra, a cremação nos de batalha é uma realidade.

*
* *

Nas batalhas navais, principalmente em alto mar, já o processo é muito diferente: os mortos são lançados ao mar.

Este processo é perigosissimo para a esquadra que tem de permanecer na zona do combate, visto que, os cadaveres ou materias organicas em decomposição, dissolvem-se infecionando as aguas e determinam exalações atmosfericas, que fazem aparecer, nas tripulações do navio, inumeras molestias.

A sepultura no mar foi usada pelos Nazomons, povo atrasadissimo da antiguidade, que povoava a costa da Lybia. Parkes, na Inglaterra, propôs o mesmo processo quando se tratou de questões relativas à necrópole de Waking-Common, mas nada conseguiu, devido à grande oposição que lhe fiseram.

Depois da batalha de Sedan, e tambem em Metz e arredores de Paris, desenvolveram-se diversas epidemias, devido ao grande numero de corpos enterrados em vala comum. O sr. Cretem, quimico distinto foi então comissionado para fazer *in loco* a cremação dos cadaveres inconvenientemente inumados. A terra foi cavada e regada com agua fenicada, continuada a excavação, até o aparecimento da camada negra fétida em contacto com os cadaveres em putrefacção, procedendo-se à desinfecção com o cloreto de cal, ou antes, foi

molhada a terra com uma solução antiséptica, para depois ser retirada. Descobertos os cadaveres, sobre eles foi espalhado alcatrão que, graças à sua fluidês, penetrou pelos cadaveres justapostos. Depois com palha embebida em petroleo, foi lançado fogo. Ao fim de uma hora os ossos estavam calcinados e o conteúdo da fossa reduzido a três quartas partes. A terra, completamente sêca pelo calor, perdeu todo o fedor cadaverico.

Nas inumações deve-se colocar sobre os cadaveres cal viva, acido clorídrico ou sulfurico, sulfato de ferro, etc., etc.

A infecção do solo determinada pelo cemiterio, é um facto real e incontestavel. Todas as vezes que se tem de fazer alguma exumação nas valas comuns, as exalações são consideraveís. Em 1874, Londres foi assolada por uma epidemia que victimou um terço dos seus habitantes; a causa foi atribuida a excavações feitas em um antigo cemiterio.

Vicez d'Azir refere que, em Rion, no Auvergne, desenvolveram-se epidemias depois da remoção de terras em um antigo cemiterio, com o fim de se embelezar a cídade. Haller refere o facto do aparecimento de uma epidemia por causa da exumação de um unico cadaver.

Os cemiterios dão origem a uma infinidade de organismos infinitamente pequenos: corpusculos, germens sporos, etc., etc. Os productos gasosos resultantes da decomposição infiltram-se pelo solo e se desprendem para a atmosfera. Os gazes, provenientes da decomposição cadaverica, que alteram o ar atmosferico são: o acido carbónico, o amoniaco, o hidrogénio fosforatado, o hidrogénio sulfuretado, etc., os acidos butinico, propisnico, valurico, caproico, etc., etc.

*

* *

A cremação fornece o apoio ou recurso necessario para arrancar o segredo de um crime por meio de pesquizas toxicologicas? Cadet sustenta que, tratando-se de um crime, encontram-se nas cinzas do cadaver queimado, cobre, chumbo, arsenico, antimonio, zinco, etc. Citemos duas experiencias por ele feitas com o acido arsenico, consignadas em um tratado sobre cremação.

1.ª experiencia: Deu ele, a um cão, uma bola de pão com manteiga, contendo 40 centigramas de acido arsenico. Para evitar vomitos mandou amarrar o focinho do cão, e tambem as patas para que não pudesse desembaraçar-se dos laços que lhe impediam o abrir a boca. Cinco horas depois o cão estava morto. Pesava doze kilos e cem gramas. O forno crematorio, em trinda e cinco minutos reduziu-o a cinzas. Uma parte das cinzas foi tratada pelo acido sulfurico diluido, e o liquido filtrado foi introduzido no aparelho de Marsh. Começando a inflamar-se o gás que se desprendia do aparelho, aproximou-se de uma capsula de porcelana, que foi imediatamente coberta de manchas arseniacais. Para assegurar-se de que as manchas eram devidas à presença do arsenico, tratou-se pelo acido azotico a quente para o transformar em acido arsenico que se dissolveu com algumas gotas de agua. Este liquido evaporado a sêco, misturado com algumas gotas de uma solução de nitrato de prata, deu um precipitado rubro, côr de tijolo: e com o sulfidrato de amonia um precipitado amarelo. A cremação não tinha feito desaparecer o arsenico.

2.ª experiencia: Depois de ter morto um coelho, pulverisou com trinta gramas de arsenico a parte interna do corpo. O animal foi incinerado em trinta minutos. As cinzas, submetidas ao aparelho de Marsh, fizeram aparecer manchas arsenicais na capsula de porcelana.

Thompson aconselha, como medida de precaução, que, nas grandes cidades e mesmo pequenos povoados, antes de se incinerar um corpo tire-se-lhe e guarde-se em um frasco de vidro, um pedaço do figado, e do estomago.

Rudter e Caffe são de parecer que a cada crematorio se anexe um laboratorio de quimica legal, para se proceder a analises das visceras mais importantes, depois de praticada a autopsia.

Cadet aconselha que se misturem às cinzas resultantes da cremação, um pouco de terra vegetal, e assim preparadas, poderiam ser aproveitadas para o cultivo de flores em vasos apropriados.

(Artigo do tenente-coronel Dr. Correia da Camara, no n.º 4 da *Revista do Instituto dos Docentes Militares*, do Rio de Janeiro).

General Serras Conceição

A Empresa da *Revista Militar* mais uma vez acaba de ser atingida pela desapiedada garra da morte que lhe ceifou um dos seus socios o general João Serras Conceição.

Possuindo uma inteligencia superior, e as mais apreciaveis qualidades de espirito e de coração, pertencia o extinto á arma de cavalaria, tendo sentado praça em 1872 e passado ao quadro da reserva, no posto de general de brigada, em 1908.

Jornalista e escritor primoroso, era tambem um orador fluente, de palavra facil e elegante.

O general Serras Conceição não era um desconhecido.

Sob a epigrafe: *Cavalaria* (Notas e factos), escreveu uma serie de interessantes artigos na *Revista do Exercito e da Armada* (t. II, 1894, pp. 257-261; t. III, 1894, pp. 21-97, 141-147, 275-279; t. IV, 1895, pp. 92-97, 209-213, 298-304; t. V, 1895, pp. 18-24, 220-228; t. VI. 1896, pp. 14-20; t. VII, 1896, pp. 100-106, 321-326), que lhe deram nome, e tambem na *Revista de Cavalaria* (Lisboa, t. I, 1904, pp. 269-273) um pequeno artigo sob o titulo: *Perseguição.*

Era Serras Conceição natural de Sardoal. Contava 63 anos de idade, pois nasceu em 8 de dezembro de 1854.

Era oficial da Ordem de S. Bento de Aviz e possuia a medalha de comportamento exemplar.

Exerceu algumas comissões de serviço, sempre com o maior zelo e competencia.

No antigo regimen representou em côrtes o circulo de Alcobaça, ocupou a presidencia da camara municipal dessa vila, e exerceu o cargo de governador civil de Leiria.

Havia já anos que o falecido general raro para a imprensa escrevia, só tambem excepcionalmente se fazendo ouvir em publico.

Sócio da Empresa da *Revista Militar*, desde a fusão desta, em 1905, com tres outros jornais militares, aqui lhe prestamos o culto da nossa respeitosa homenagem.

O COMBATE DE 24 DE JUNHO DE 1828

NA

CRÚZ DOS MOROUÇOS

(Continuado de pag. 48)

Seriam 9 para 10 horas da manhã [1] e foi nesta altura que se iniciou o combate.

As forças miguelistas, pelo que atrás disse, deviam vir desenvolvidas, e os dois batalhões atacados, estando sós, de certo tomáram posição na parte mais dominante da encosta e trataram de se defender [2].

O que sucedeu então, não me parece dificil de imaginar, dadas a natureza do terreno e a desigualdade das forças: os liberais cederam, especialmente perante a investida do bravo batalhão de caçadores 8, e iniciaram uma retirada para a linha principal. A investida devia ter sido forte, devia ter sido energica; as tropas miguelistas estavam frescas, tinham um grande ascendente moral motivado pela superioridade numérica e pela fraquesa contrária; chegáram até, neste primeiro

[1] A delegação, em oficio de 24, para a Junta, diz que foi às 10 horas (*Gazeta Oficial*, n.º 24-extraordinário, de 25 de junho), assim como uma carta escrita em Coimbra, em 30, «por pessoa inteligente e fidedigna» já cit.ª (*Gazeta de Lisboa*, n.º 158, de 5 de julho). Aguiar, porém, nas *Lembranças*, pag. 9, diz que foi às 9 horas. Manique, no *Portugal* cit., a pag. 65, é que não está com meias medidas e começa assim: «Furtava-se ainda o sol à vista dos dois campos opostos, quando o estrondo de sucessivas descargas, etc., etc.». É exagêro, se não fôr lirismo.

[2] Na cit.ª ordem do dia 28 de junho, Povoas diz que na posição estavam 4 batalhões de caçadores. Deve ser exagêro de... inimigo para realçar o avanço da sua gente. Mas alguns autores miguelistas, afirmam a mesma cousa, de certo fundados na citada ordem.

ataque, a empregar artilharia [1] e caçadores 8 trazia comsigo uma certa fama de bravura.

Demais, é também natural que, desde que se iniciou o combate, o resto da brigada miguelista tivesse começado a desenvolver e a reforçar as forças do batalhão já empenhadas no ataque; de modo que os dois batalhões liberais tiveram que iniciar a retirada sem pensar na resistencia que seria quasi impossivel [2].

Esta é a impressão que ficou em todos os contemporaneos embora a reproduzam sem precisão, e alguns duma forma confusa [3].

A retirada, porém, era dificil; á retaguarda da posição, o declive para o vale é, nalguns pontos, aspero, e a respeito de apoio, nada havia. Os dois batalhões encontraram-se sós [4].

Mas . . . perguntará o leitor: na presença do inimigo e dum ataque bem pronunciado, o que fazia o comando dos liberais ou o que fazia a delegação da Junta?

De manhã cedo, o coronel Gama Lobo, membro da delegação, foi ao campo, mas mal ouviu os primeiros tiros, voltou para Coimbra. A delegação, quando soube os motivos desta retirada cautelosa, mandou carregar as bagagens e atrelar as parelhas aos carros [5], e, sem querer saber que se estava jogando no campo a sorte da revolução, decidiu-se impassivelmente a assistir a um conselho militar extraordinário de comandantes de corpos que para esse dia convocára [6].

---

[1] Segundo Povoas, foi a 1.ª meia brigada que entrou em fogo, sob o comando do capitão Travassos. (Ord. cit. de 18 de julho).

[2] Para o Rio de Janeiro, nesta altura, mandaram dizer da parte dos liberais, que o próximo encontro entre os dois exércitos, seria assinalado «por aclamações patrióticas, que se farão servir de ambos os lados no momento da fusão» e que o batalhão de caçadores 8 desertára do exército de Povoas para o de Saraiva. (*Aurora Fluminense*, n.º 82, de 22 de agosto de 1828). Foi exatamente o que aconteceu... (As mentiras... politicas!)

[3] Soriano (*Hist. da guerra civil*, tom. cit. pag. 374); Maia (*Memorias* cit. pag. 57) que confunde um pouco; Povoas, na Ordem do dia cit.; etc., etc.

[4] *Ravista historica*, pag. 57; Soriano, *Hist. da guerra civil*, tom. cit. pag. 374.

[5] Estes pormenóres são dados pelo folheto de A. P. de Aguiar (*Lembranças para a hist. da Junta* cit.). O folheto, comtudo, dá ás vezes a impressão de que é parcial.

[6] Maia: *Memorias* cit. pags. 57 e 59.

Saraiva Refoios tambem veio [1], de forma que os corpos ficaram sem comandantes, entregues a oficiais de menor graduação e sem que alguem superiormente os dirigisse, unificasse os movimentos e désse coesão ás ordens necessárias [2]. Os corpos ficáram entregues a si mesmo e apenas, durante o combate, se viu o major Sá Nogueira e alguns oficiais do estado maior que pretenderam — e alguma coisa conseguiram — dar união aos movimentos e tirar as vantagens possiveis da situação [3].

Assim, o combate começou, generalisou-se, intensificou-se, sem ter havido alguem que tivesse dado . . . uma ordem [4]!

Vê-se que os batalhões 7 e 12 tiveram de contar apenas com o seu esforço e a retirada que executaram devia ter sido habil, a avaliar pelo terreno e pela superioridade do adversário. É natural que esta retirada se desse no sentido da estrada. E digo no sentido da estrada porque o primeiro ataque ás posições, foi no logarejo de Antanhol, e, sendo assim, a retirada devia ter tido essa direcção [5].

[1] O falecido jornalista Joaquim Martins de Carvalho, injustamente diz no *Conimbricense* n.º 5184 que Saraiva «achava-se muito descançado em Coimbra, no mosteiro de Santa Crúa» emquanto se feriu a acção. É bom comtudo reparar que ele fôra chamado para o conselho militar.

[2] Maia *(Memorias,* pag. 57) onde se baseia Soriano *(Hist. da guerra civil,* tomo cit. pag. 375) e P. Chagas *(Hist. de Portug.* tomo cit. pag. 354). No *Conimbricense,* n.ºs 3638 e 4741, diz-se que estavam os comandantes dos corpos, mas é possivel que seja lapso. No mesmo periodico, n.º 3965, numa noticia biográfica do conde de Podentes, diz que este titular, então o estudante Jerónimo Dias de Azevedo, voluntário do batalhão académico, fôra visto andar sempre ao lado de Francisco Xavier da Silva Pereira que comandáva caçadores 12, quer na marcha que este batalhão fizéra ao Espinhal e Penela, quer durante a acção do dia 24. Sendo assim, escaparia Silva Pereira ao convite para o conselho militar?

[3] Sá Nogueira: relatorio cit., Soriano: *Vida do marquês,* pag. 147.

[4] Sá Nogueira diz no relatorio cit.: «combateu-se sem projecto, sem plano e sem ordem». Soriano, na *Hist. da guerra civil,* tomo cit. pag. 375 e na *Vida do marquês,* pag. 147, copia quasi á frase, mas sem dizer de onde a tirou.

[5] Eu estou fazendo a reconstituição do combate, mais ou menos por hipoteses porque, de positivo, pouco ha. É certo porem que, dados uns certos factos de que se encontram provas mais ou menos claras, os factos intermédios podem reconstituir-se com relativa facilidade desde que haja cuidado, algum conhecimento do oficio e um pouco de bom senso. Não tenho, é certo,

De certo que, ao abandonárem a posição, os liberais medindo a dificuldade, é natural que procurássem o apoio que estivesse mais perto; e, incontestavelmente, esse apoio viram eles nessa pequena aldeia entre olivedos, cercáda de eiras e currais, e de cujo centro avulta uma pequena torre de capela; em cima, dominando-a, fica o alto da Crúz dos Morouços, de modo que a protecção que ela oferecia era bem patente e os dois batalhões liberais lançáram-se para lá.

Os regimentos 8 e 16, dos miguelistas, certamente, ocupáram então a posição abandonada, e enquanto a perseguição ás forças inimigas continuava pelos caçadores, aqueles dois corpos dispozeram-se para se lançarem definitivamente ao combate[1]. E caçadores 8, levando encorporado o pequeno corpo academico realista[2], lá ía bravamente, porventura de roldão com o inimigo.

Transporta a ribeira, nos primeiros declives da encosta fronteira, a resistência, porem, recomeçou; os liberais fizeram finca-pé em tudo, até á povoação; bateram-se valentemente de parte a parte; chegáram, então, com certeza, reforços de cima, mas caçadores 8 levou tudo adiante, no impeto violento com que iniciou o ataque.

—Para aniquilar um exercito que antes de combater se chamava vencedor, não foi preciso mais que o batalhão de caçadores 8; e toda a fortaleza das gentes incircuncisas foi quebrantada e dessipada!

Isto dizia pouco depois o frade bernardo Fr. Fortunato de S. Boaventura num pulpito de Coimbra[3]; mas, na verdade,

---

estes três predicados por completo, mas o leitor que os complete e temos a obra bem feita.

[1] Assim o diz Povoas, referindo que o avanço de caçadores 8 «facilitou» aos regimentos da brigada o tomárem posição sobre a Venda do Cego (Ord. cit. de 18 de julho).

[2] Assim o diz Povoas na mesma ordem; e assim o afirma a *declaração* do comandante do corpo de voluntarios, transcrevendo a ordem: «...expontanea e rapidamente se achou no fogo entre os Caçadores, dando e recebendo exemplos de valor e inteligencia...» (no *Correio do Porto*, no n.º 126 de 21 de julho).

[3] *Oração panegirica* já citada. E dizia mais: «Bastou o donodo e a valentia sobre-humana do batalhão de caçadores n.º 8 para levar diante de si, como se fosse «a palha agitada pelos ventos» (*Psalmos*, 82, v. 14) esse vanglorioso exercito que antes de desembainhar a espada cantou a vitoria...»

esse ataque de caçadores 8 parece ter sido valoroso, atenta a fama que dêle ficou [1]; e ataque foi ele que conseguiu desalojar os liberais da propria aldeia de Antanhol [2].

Devia ser neste momento que o combate começou a generalisar-se sobre o centro da defeza.

* * *

Caçadores 8, decerto, não se encontrou só; as outras unidades te-lo-íam apoiado positivamente no avanço; e, como a aldeia foi ocupada e os miguelistas se lançaram, indubitavelmente, encosta acima, o ataque devia ter tomado outras proporções, assim como a defesa que devia ter empregado as forças quase todas, se não foram todas — que, de resto, não eram muitas.

Mas, talvez pelo terreno, talvez pelo reforço que lhes deu a posição defensiva, os dois batalhões — ainda os mesmos dois batalhões! — resistiram então com galhardia; a defesa tornou-se energica; e a artelharia dos liberais começou a jogar sobre o vale [3] obrigando os adversarios a acautelarem-se no avanço e a verem que a posição se não conquistava facilmente.

---

[1] Pouco depois, na ordem do dia n.º 52, de 25 de agosto do mesmo ano (*Subsidios para a hist. dos regimentos* cit. pag. 168) D. Miguel concedeu ao batalhão a honra de usar na bandeira a seguinte legenda:

«Vencendo não só estes adversários
Mas quantos a meu rei foram contrarios»

pelo seu valor neste combate e nos combates seguintes. Houve festa em Coimbra para benção da nova bandeira em que prégou Fr. Fortunato de S. Boaventura o sermão virulento a que já me tenho referido. No n.º 6085 do *Conimbricense*, vem uma descrição desta festa e bem assim a copia duma carta-convite, assinada pelo comandante e a que já aqui me referi. O padre Macedo, no n.º 5 da *Besta esfolada*, exálça a acção de caçadores 8 duma maneira até bem interessante e Povoas, na Ordem dada em Braga aos 18 de julho (*Correio do Porto*, n.º 126 de 33 de julho) tambem lhe faz referencias especiais e amaveis.

[2] Povoas: Ord. do dia cit. de 18 de julho.

[3] Soriano: *Hist. da guerra civil*, tom. cit. pag. 374. Uma carta já aqui citada, escrita por pessoa «inteligente e fidedigna» (*Gazeta de Lisboa*, n.º 158 de 5 de julho) diz que quando começou o ataque, os liberais ainda não tinham a artelharia nas linhas.

Neste lapso de tempo, vinda da Ega, á pressa, chegou a 2.ª brigada[1] que Povoas mandou ocupar a esquerda; a 2.ª meia-brigada de artelharia tomou posição para a direita, talvez para os lados do ponto de cota 198, e Povoas ficou assim com uma frente maior para poder aumentar o ataque.

Mas o ataque continuáva na direcção da estrada, tanto para um como para outro lado; Antanhol dum lado, a povoação da Palheira do outro, devem marcar os extremos da zôna atacada[2]. Antanhol era um degráu sem subir o qual não se chegaria ao alto dos Morouços; a Palheira era um ponto de apoio para o alto do moinho de vento, (△ 176) cabeço de excelente comandamento sobre o vale e que domina especialmente a depressão por onde sóbe a estrada para Coimbra; de modo que, renhidamente, o ataque concentrou-se ali e ali porfiáram os contendores com valentia.

A defesa limitava-se ás tropas que vimos, e nesta altura devemos descontar as baixas sofridas pelos dois batalhões 7 e 12, e devemos entrar em linha de conta com o cançasso e um pouco de desorganisação destas mesmas unidades — factor que não é para desprezar, se repararmos no pouco efectivo que tinham.

Deu-se, pois, a valer, o ataque á posição central; o moinho de vento foi assaltado tambem; mas, finalmente, de cima, pronunciou-se um contra-ataque; e, de certo, com o auxilio da artelharia, os liberais leváram de vencida os realistas quasi triunfantes e, à baioneta, reconquistáram os declives à frente do moinho e a propria aldeia de Antanhol.

Os liberais estávam de novo senhores das posições e os rialistas recolheram, de certo, ás posições fronteiras para se recomporem — o que deveria ser necessário a seguir ao ataque violento que executáram e da retirada que tiveram de fazer depois de repelidos num violento corpo a corpo[3].

[1] Assim o diz Povoas, na cit. ordem de 18 de julho. A brigada era composta por infantaria 22 e pelas milicias de Aveiro.

[2] Terá cerca de um quilometro.

[3] Povoas conta que a 2.ª brigada que, como se viu, ele mandou ocupar a esquerda, manteve em respeito os rebeldes. É natural que o contra ataque não passásse de Antanhol porque na realidade a posição da esquerda (desde o ponto de cóta 165 até à estrada) é dominadora sobre a referida povoação.

Seriam 4 horas da tarde [1] e Povoas deveria pensar que o caminho de Coimbra não era tão facil de palmilhar como tinha parecido; talvez observásse com mais cuidado as posições inimigas, ou alguem por ele que soubesse ver melhor; e dessa observação resultou um novo plano de ataque.

A 3.ª divisão que marchava sobre a estrada velha e que ainda não entrára em fogo, recebeu ordem para se postar «nas alturas da direita» [2]. Esta divisão vinha fresca, tinha apenas executado a marcha que não foi grande, de modo que a sua entrada na linha de combate devia ter sido dum efeito moral importante.

Ia-se, pois, de novo, forçar a fraca defeza de Coimbra; a tarde devia caír já, quente, lançando sombras tristes, lá em baixo, nos largos areais do rio [3]; os olivedos das encostas, de Antanhol até à Palheira, davam, certamente, um tom apagado à paisagem de sobre a qual, aqui e alem, já se elevariam novelões de fumo; e lá ao fundo, na cidade, a delegação da Junta procurava as chaves do Observatório Astronómico, para ír ver o combate . . . pelos oculos de aumento [4].

No alto dos Morouços, galopando, Bernardo de Sá e os oficiais do estado maior davam indicações e incitavam a soldadesca; lá em baixo, nos campos, junto ao rio, a coluna mixta que aparecera de madrugada sôbre a Granja e Formoselha, continuava na aparência a observar [5] ao passo que, na outra margem, as tropas liberais do major Meneses vigiavam continuamente a leste de Montemor [6], e Schwalback continuava em S. Martinho limitando-se a . . . esperar [7].

[1] Assim o diz a cit. carta de «pessoa inteligente e fidedigna».

[2] São palavras da ordem do dia cit.ª de 28 de junho.

[3] Segundo a tal pessoa «inteligente e fidedigna» a tarde devia aproximar-se das 6 horas.

[4] Isto diz Albino Pimenta de Aguiar nas *Lembranças* cit. e com certo espirito: «Enfim, Suas Excelencias, avidos de apresentarem ao publico *acções de valor e intrepidêz*, alarmáram meia cidade para que se lhes dessem as chaves do Observatorio, de onde foram ver o combate!!»

[5] Ofício de Povoas, já citado de 26 de junho. Segundo a carta cit. de Seabra *(Esclarecimentos,* cit.) a coluna apareceu «sôbre a quinta da Granja».

[6] Diz a mesma carta que esta fôrça tomou posição sôbre a ponte da Cal e Monte de S. Gens.

[7] Não encontro uma referência, sequer, à acção destas forças durante o combate; no entanto, no *Breve resumo da História do Regimento de Infan-*

A acção continuava pois a concentrar-se cá em cima; e agora, com a entrada de um novo e importante reforço, a peleja tornar-se-ia mais intensa.

De facto, a 3.ª divisão tomou as posições da direita;[1] essas posições, dada a estrada que ela seguia e o lugar já ocupado pela da vanguarda, deviam ser — as que na carta têm a cota 235 e talvez mesmo o cabeço onde está o marco do Observatório, para ameaçar a esquerda dos liberais, e as alturas que vão desde a direita do ponto de cota 241, até fazer junção com as fôrças que já deviam estar à direita da estrada, para auxiliar o ataque à posição central[2]. A artelharia tomou posição tambem[3] e, de novo, se iniciou um outro ataque.

Não se julgue, porêm, que neste intervalo, as hostilidades cessaram por completo e que, durante algum tempo, se deixou de ouvir o tiroteio; não, o combate foi contínuo[4]. De posição

---

taria n.º 9 por José Vitorino de Sousa e Albuquerque, diz-se que esta unidade (que fazia parte das tropas de Schwalback) se bateu na acção «com valentia admiravel».

[1] Na citada carta de pessoa «inteligente e fidedigna», diz-se que na extrema direita da linha realista estava a brigada de Valia. Este oficial era general e vimo-lo já comandando uma guerrilha que foi desbaratada no meado do mês, sôbre a estrada velha; mas ignoro a constituição da brigada a que se refere a carta. A brigada, porêm, não combateu.

[2] Não será racional esta escolha? Seu fraco profissional para as indicar a valer, mas quero crer que os miguelistas não teriam outras.

[3] Quanto às posições de artilharia é que me não atrevo a dar opinião, pois que não conheço o valor do material empregado para, por aí, poder concluir alguma cóisa. No entanto, um pouco mais ou menos, deviam ser, talvez, as posições dominantes que apontei na nota anterior. Na sua esquerda, isto é, à direita da estrada, já devia estar a artelharia da Divisão da vanguarda, como vimos, e postada de forma que cruzava os fogos com a 3.ª Divisão como se depreende da cit. Ordem do dia de 18 de julho, de Povoas, pois diz claramente que auxiliou a repelir os ataques que os liberais fizeram sôbre esta última divisão. Elogiados, pelo menos, foram esses artelheiros todos e com largueza, embora possa haver, como era natural, um pouco de exagêro... político.

[4] É esta a impressão que fica dos poucos relatos que há do combate. O fogo foi contínuo, afirmam todos; de modo que, de certo, houve apenas diminuição na sua intensidade. Na tal carta «de pessoa inteligente e fidedigna» diz-se que neste intervalo o fogo «continuou frouxo» e que se ouvia bem de Coimbra; refere até que os miguelistas contavam alegremente os tiros de artilharia dos realistas que se distinguiam bem da cidade.

para posição, de abrigo para abrigo, a luta foi constante e parece que bem encarniçada.

Mas... mais outra pregunta: neste momento em que parece ir decidir-se a sorte dos contendores, estariam todas as tropas empenhadas na acção?

Parece que não. Dei pela falta da brigada de infantaria 4 e 7 pertencente à 3.ª Divisão e que parece ter vindo atrazada, porque sendo mandada juntar-se às fôrças que estavam em Formoselha não chegou lá no dia 24;[1] de forma que a 3.ª divisão devia estar incompleta quando tomou posição «nas alturas da direita». E a 2.ª brigada de cavalaria parece tambem não ter entrado na acção, embora estivesse unida à Divisão da vanguarda desde a véspera,[2] sendo de resto natural que não entrasse porque o terreno, e a forma como se deu o combate, se não prestavam à sua intervenção [3]. De resto, os outros regimentos deviam ter estado presentes embora haja falta de referências àquilo que fizeram [4].

Vamos, pois, ao novo ataque. A tarde caminhava; deviam ser 6 horas;[5] em Coimbra havia anciedade e faziam-se preces pela vitória... dos dois partidos; e a delegação da Junta continuava no Observatório, a ver...

Recompostos, reunidos, reforçados, os rialistas pronunciaram um outro ataque mais forte, em toda a linha, fazendo jogar a artelharia parece que intensamente e cujo estampido ia ecoar alegremente no coração dos miguelistas escondidos na cidade.

Faltam pormenores dêste segundo ataque; sòmente por passagens, aqui e alêm, e referências ligeiras dêste ou daquele, se sabe que o ataque foi geral e que nele se deviam ter empenhado todas as forças que nós vimos, agora, tomar posição.

A artilharia rialista, teve então papel preponderante, e a

[1] Ordem da divisão da vanguarda, cit.

[2] Ibidem.

[3] Povoas, nesta ordem cit. anteriormente, não se refere senão ao papel que a brigada representou na ocupação de Coimbra. É pois natural que ela não tivesse tido intervenção.

[4] O *Esboço biográfico do Regimento n.º 1 de Infantaria*, do falecido sr. Escrivanis, diz que esta unidade «assistiu» à acção.

[5] Carta de pessoa «inteligente e fidedigna» cit.

sua eficácia parece ter sido de valor; [1] auxiliou, com certeza, o avanço da infantaria, e, pelo seu efeito, foi certamente a causa do ataque ter sido levado de novo tão próximo, a ponto de quase se ocuparem as posições liberais, lançando-se os realistas, evidentemente, a um assalto.

Com esta nova investida, coincidiu um avanço da coluna que estava em Formoselha e que seguiu Mondego acima; [2] e era natural êste movimento porque, sendo derrotados os liberais e obrigados a retirar para o norte, aquela coluna, desde que transpozesse o rio, iria cortar a retirada sem grandes dificuldades. É claro que as fôrças de observação, na margem direita, foram seguindo êstes movimentos [3].

Mas, assim como a investida foi brava e o ataque violento, não menos brava e vigorosa devia ter sido a defesa, visto que não só a artelharia fez bastante fogo, [4] como, de novo, um valente contra-ataque, à baioneta, obrigou outra vez os realistas a descerem as encostas e a recolherem-se às suas posições [5].

BELISÁRIO PIMENTA
Capitão

(Continúa)

[1] Ordem do dia de Povoas, de 28 de junho *(Gazeta de Lisboa,* n.º 153, 30 de junho) e Ordem da divisão da vanguarda de 18 de julho *(Gazeta* cit. n.º 181, 1 de agosto).

[2] Assim o diz António Luís de Seabra, na já cit. carta: «Pela volta da noite começou o inimigo a mover-se, Mondego acima...». *Esclarecimentos* cit.).

[3] Ibid.

[4] Assim o testemunham Sá Nogueira no relatório cit., a *Revista histórica,* pag. 56, etc.

[5] O emprêgo da baioneta é testemunhado pelos mesmos.

Corpo de exercito expedicionario português

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos desde 18 a 24 de novembro último:

Por ferimentos em combate:

Regimento de Infantaria n.º 3:

Soldado n.º 325 da 2.ª companhia, Antonio Luís Costa.

Regimento de Infantaria n.º 6:

Corneteiro n.º 357 da 3.ª companhia, José Pereira.
Soldado n.º 410 da 4.ª companhia, Francisco Gomes Pinto.

Regimento de Infantaria n.º 7:

Soldado n.º 302 da 2.ª companhia, José Marcolino.

Regimento de Infantaria n.º 8:

Soldado n.º 240 da 3.ª companhia, João Maria.
» » 546 » » » José Martins Pereira.
» » 577 » » » Manuel Faria.
» » 586 » » » Antonio d'Araujo.
» » 479 » » » Antonio Joaquim d'Aldeia.

Regimento de Infantaria n.º 10:

Soldado n.º 404 da 1.ª companhia, Antonio Maria Rodrigues.
» » 369 » 2.ª » José Marcolino Pires.
» » 395 » » » Antonio Maria Preto.
» » 443 » » » Antonio Augusto Pires.

Regimento de Infantaria n.º 15:

Soldado n.º 441 da 2.ª companhia, Manuel Mendes.
» » 200 » 3.ª »

Regimento de Infantaria n.º 21:

Soldado n.º 500 da 3.ª companhia, José Serodio.

Regimento de Infantaria n.º 29:

Soldado n.º 411 da 3.ª companhia, José Antonio Lopes.

Mortos desde 25 de novembro a 1 de dezembro findo:

Por ferimentos em combate:

Regimento de Artilharia n.º 7:

Soldado servente n.º 414 da 2.ª bateria, Belchior Rua.

Regimento de Infantaria n.º 1:

Soldado n.º 577 da 2.ª companhia, Manuel Henriques Peixo.
» » 691 » » » José Catarino Junior.

Regimento de Infantaria n.º 3:

Soldado n.º 659 da 1.ª companhia, José Maria da Cunha.

Regimento de Infantaria n.º 8:

1.º cabo n.º 358 da 3.ª companhia, David Pinto.

Regimento de Infantaria n.º 12:

Corneteiro n.º 63 da 1.ª companhia, Norberto.
Soldado n.º 294 da 2.ª companhia, João Jacinto.
» » 373 » » » Manuel Antonio Casalta.

Regimento de Infantaria n.º 10:

Soldado n.º 368 da 2.ª companhia, Manuel Coutinho.
» » 386 » » » Antonio Martins Serra.
» » 463 » » » Acácio Augusto Alves.

Regimento de Infantaria n.º 20:

Soldado n.º 358 da 2.ª companhia, José Exposto.

Regimento de Infantaria n.º 29:

Soldado n.º 460 da 1.ª companhia, João dos Reis Martins.
» » 116 » 2.ª » Domingos da Cunha.
» » 384 » 4.ª » Manuel de Carvalho.

Regimento de Infantaria n.º 32:

Soldado n.º 584 da 1.ª companhia, Manuel de Sousa Carvalhido.
» » 261 » 4.ª » Manuel Ribeiro.

Regimento de Infantaria n.º 34:

Soldado n.º 145 da 2.ª companhia, Antonio Gonçalves Leitão.

Mortos desde 2 a 6 de dezembro de 1917:

Por ferimentos em combate:

Regimento de Sapadores Mineiros:

2.º sargento n.º 634 da 7.ª companhia, João Dias Martinho.

Regimento de Infantaria n.º 1:

Soldado n.º 719 da 1.ª companhia, Elisiario Gomes Carriço.
» » 466 » 2.ª » Manuel Amancio dos Santos.

Regimento de Infantaria n.º 11:

Soldado n.º 502 da 9.ª companhia, Ladislau José Matinha.
» » 660 » » » Manuel Mendes.
» » 740 » » » Inacio Severino.

Regimento de Infantaria n.º 12:

Soldado n.º 358 da 1.ª companhia, Manuel Diogo Marques.
» » 307 » » » Joaquim Fragoso.

Regimento de Infantaria n.º 13:

Soldado n.º 313 da 4.ª companhia, Manuel Fraga.

Regimento de Infantaria n.º 14:

Soldado n.º 563 da 1.ª companhia, José do Sul Oliveira.

Regimento de Infantaria n.º 19:

Soldado n.º 637 da 2.ª companhia, Antonio Maria.

Regimento de Infantaria n.º 28:

Soldado n.º 104 da 3.ª companhia, Joaquim da Cruz.

Regimento de Infantaria n.º 32:

Soldado n.º 542 da 1.ª companhia, Manuel Pereira do Couto:

Regimento de Infantaria n.º 35:

Soldado n.º 29 da 7.ª companhia, Antonio Monteiro.

(Continúa).

Obras oferecidas

1 **Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I,** composta por GOMES EANNES DE ZURARA, publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa, segundo os manuscritos n.os 368 e 355 do *Arquivo Nacional*, por FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA.—1 vol. (0m,325×0m,235) de 341 pag.

Circunstâncias especiais, agravadas com casos ocorridos de força maior, têm impedido que houvessemos, há mais tempo, dado conta da publicação desta notável obra, por tantos títulos digna da consideração e estima especial dos nacionais, e em cuja direcção o nosso prezado camarada e amigo sr. coronel Esteves Pereira, pôz toda a sua alta competência literaria e provados mérítos.

A *Crónica da Tomada de Ceuta*, como o distinto académico diz na »Introdução» à obra, é a narração da conquista da mesma cidade, por D. João I, rei de Portugal, em 21 de agosto de 1415. Essa narração, devida a Gomes Eannes de Zurara, é a mais circunstânciada e verídica, que se conhece; e dela provêm todas as memórias e notícias, que escreveram os escritores posteriores. E' a epopeia da primeira empreza cometida pelos Portugueses alêm mar; nenhuma obra literária, escrita em lingua portuguesa no século XV, a iguála em merecimento e valôr estético; e a todas excede pela regularidade da narração e pela eloqüência dos discursos dos personagens; nela sente-se por vezes perpassar um sôpro épico, inspirado pela grandeza do feito, que foi preparado com grande cuidado e ponderação, efectuado com o maior valôr e constancia e coroado de maravilhosa felicidade. Para poder avaliar-se a importância desta empreza, seria necessário estudar préviamente os seguintes assuntos, relativos às condições da cidade de Ceuta, no princípio do século XV:

I. Descrição da cidade: situação geográfica; descrição topográfica; edifícios notáveis; população;

II. História: fundação; dominadores; estado social;

III. Importância política e comercial para os reinos de Fez e de Granada;

IV. Valôr estratégico; fortificações; guarnição militar com que era defendida;

V. Interesse que Portugal tinha no seu domínio; razões que determináram a empreender-se a sua conquista;

VI. Meios empregados para efectuar a conquista; exército português,

sua composição e armamento; frota em que foi conduzido; desembarque e assalto da cidade;

VII. Meios de que se dispôs para manter a sua ocupação.

Não desenvolve a obra êste largo e notabilissimo plano, mas, pelo dizer do sr. coronel Esteves Pereira na dita «Introdução», póde concluir-se, que o ilustre académico têm posto na sua execução a melhor vontade, e que oportunamente o desenvolverá em memórias especiais, que ficarão constituindo preciosos guias e valiosos subsidios para a nossa história. Em compensação, desde já, a obra é precedida pelo esboço biográfico do seu autor, e pela descrição dos manuscritos de que foi encontrada notícia e das impressões que dela se fizeram até ao presente. Nesta parte é que o sr. coronel Esteves Pereira revela em alto grau a sua provada competência de investigador e comentador emérito, que justifica amplamente a elevada consideração de que gosa entre os seus colegas do nosso primeiro instituto scientifico.

Mas, a êsses provados méritos junta ainda o nosso prezado camarada e amigo, o de infatigável obreiro na restauração das glórias nacionais, não havendo na Academia quem o vença na ardência com que se vota a essa brilhante e útil missão. Encontrarão, os que duvidem da inteira verdade de tal asserto, a sua cabal demonstração seguindo atentamente os extratos das sessões daquela brilhante corporação, e vendo que raro se encontrará alguma, que não seja ilustrada com a colaboração, sempre prestimosa e conscienciosa, do distinto académico.

Em uma idade, não diremos adiantada, mas já geralmente aplicada ao descanço, o sr. coronel Esteves Pereira, como que remoçou para o trabalho, encontrando no estudo dos códices, que infatigávelmente prescruta nos arquivos, novos e valiosos subsidios para a nossa história, tão obscura ainda nos seus períodos mais afastados e brilhantes. O seu proceder póde servir de exemplo e estímulo aos que ainda percorrem os períodos da vida, em que se dispõe de maiores e melhores faculdades para os trabalhos dessa natureza.

A edição da *Crónica de D. João I*, a que se faz referência nesta notícia, deve figurar nas nossas diferentes bibliotécas militares, e ocupar nelas um logar de honra, porque representa a glorificação de um dos feitos mais brilhantes das velhas e brilhantes tropas nacionais. Demais, é um exemplar precioso sob o ponto de vista da arte tipográfica, escrito por um oficial, que honra o exército pela cultura e elevação do seu espírito e pela nobreza do seu carácter.

2 FERNANDO BARREIROS — **Noticia Historica do Corpo Militar Academico de Coimbra**—(1808-1811)—Obra premiada no concurso literario comemorativo do 1.º centenario da Guerra Peninsular—(Edição do autor)—1 vol. de 181 pag. ($0^m,24 \times 0,^m16$)—Lisboa, 1918.

Abre este livro com a descrição dos tristes acontecimentos, ocorridos no final do ano de 1807, quando o General Junot entrava em Lisboa á frente do exercito invasôr, e D. João VI, com a côrte, embarcava em direcção ao Rio de Janeiro, escoltado convenientemente por quasi

todos os navios, que então constituiam a frota de guerra nacional. Mais uma vês flagela o autor nessas paginas o procedimento do monarca, que abandonava os seus subditos ás crueldades do inimigo, recomendando-lhes que recebessem este como amigo. Parece que o acto foi recomendado pelo governo inglês, mas o que este não aconselhou, certamente, foram os termos contidos no Decreto, que nomeou a regencia, o qual representa uma fraqueza, para não usar termo mais vivo, que basta para justamente flagelar a memoria do soberano, que o referendou, como o fez o autor.

Sem maiores delongas, entra este na descrição da sublevação de 23 de Junho de 1808, occorrida em Coimbra, dando conta seguidamente das varias ocorrencias, que tiveram logar nesta cidade, até ao momento em que os estudantes, ainda ali residentes, resolveram constituir-se num corpo de voluntarios, do qual igualmente fizeram parte varios lentes, todos sob o comando do tenente coronel de engenharia e lente de mathematica Dr. Tristão Alvares da Costa Silveira.

Deste ponto em deante o trabalho do sr. Fernando Barreiros constitui uma interessantee e valiosa monografia, ácerca de quanto diz respeito ao patriotico e viril procedimento do Corpo militar academico, a qual é enriquecida, não sómente com a referencia a quanto se tenha escrito sobre o assunto, mas com uma curiosa colecção de estampas, algumas artisticamente iluminadas, como são as que apresentam os uniformes uzados por aquele corpo, e a capa do proprio livro.

Termina a obra com uma relação, acompanhada de breves notas biograficas, dos lentes, estudantes e agregados, que se alistaram em 1809, no Corpo militar Academico, a qual é sumamente interessante, entre outras rasões, porque contém episodios referentes a individualidades que, mais tarde, desempenharam elevadas funções publicas. E' dedicado o livro á memoria do finado major de artilharia José Afonso Palla.

Os trabalhos da natureza daqueles a que nos estamos referindo são muito apreciados sempre em todos os paises, porque concorrem com os elementos, que fornecem, para que a historia completa das epocas historicas memoraveis sejam depois feitas em alicerces firmes e circumstanciados. Bom serviço prestou, portanto, o sr. Fernando Barreiros às letras patrias com o seu livro, que muito justamente foi, por isso, premiado no concurso literario comemorativo do 1.º centenario da Guerra Peninsular, livro que, aos meritos já aludidos, junta o de constituir uma edição que, pelas suas condições artisticas, honra a Tipografia da Cooperativa militar, onde foi impresso.

3 J. DA MATTA OLIVEIRA — **O Bombardeamento e as defesas acesorias da fortificação das bases maritimas.** — Memoria para o concurso da 11.ª cadeira da Escola Naval. — 1 opusc. de 22 pag. (0m,225 × 0m,155). — Lisboa, 1917.

Não se trata de um desconhecido para os leitores da *Revista Militar*. Pelo contrário. A sua douta concepção se devem varios artigos que, sobre assuntos maritimos, este jornal tem publicado, sempre lidos com verdadeiro interesse, pelo modo claro e preciso como as questões neles

têm sido expostas. E nas estantes dos estudiosos figurará sempre, em logar selecto, o seu livro **O poder maritimo na Guerra da Peninsula,** para ser devidamente consultado nos assuntos da especialidade, que se refiram a essa época tragica, mas gloriosa, da nossa historia.

A guerra naval não concita apenas a atenção dos especialistas. Pelas condições a que está subordinada, e pela influencia decidida que exerce na actividade das nações interessadas, tem o poder de congregar sobre si os olhares de quantos não passam a vida indiferentes ao que vai ocorrendo pelo mundo. As doutrinas, a que essa guerra é subordinada ou dela derivam, merecem, conseqüentemente, a consideração geral, e qualquer publicação relativa a esse assunto, sempre que é autorizada por um profissional autorizado, como sucede à que temos presente, tem a certesa de ser recebida com verdadeira satisfação pelos estudiosos, ainda quando alheios à profissão.

Mais concorre para assim suceder com a *Memoria,* a que fazemos referencia, não só pelo facto que a motivou, mas pela variedade de assuntos, que versa, embora condensados em poucas paginas. Constituiu a forma adoptada como que uma série de afirmações, que fornecem materia de interrogatorio dos arguentes, dando assim margem para o interrogado desenvolver amplamente as doutrinas, que só sumariamente deixou expostas.

Esses assuntos, que a *Memoria* versa, são os seguintes:

Fim da fortificação costeira;

Evolução da defesa costeira;

Estado actual do problema da organização da artilharia das bases maritimas;

Emprego das defesas acessorias nas outras operações da guerra costeira.

Pela simples exposição das rubricas anteriores se deduz as dimensões extraordinarias, que a *Memoria* tomaria, se o autor não houvesse adoptado o processo sumario, que referimos. Qualquer dos assuntos enumerados poderia dar margem à formação de um volume, quando o seu autor pretendesse fazer alarde da sua erudição. Bem compreendeu, porêm, o sr. Mattos Oliveira, o fim a que se propunha aquele seu trabalho e por isso o elaborou nos termos, que deixámos expostos.

Quanto ao ponto de vista exclusivo da apreciação da doutrina emitida veda-nos aprecia-la duas ordens de circunstancias: a primeira, a falta de competencia ou deficiencia de cultura na especialidade de que se trata; a segunda, a impertinencia que tal procedimento representaria, quando a *Memoria* foi destinada à apreciação de abalisados julgadores.

Mas os créditos conquistados pelo sr. Matta e Oliveira, em uma já não curta vida de infatigável labôr, são garantia de que, mais uma vez, êle soube honrar o seu nome.

4 PAUL ADAM—**La terre qui tonne—France. Italie**—1 vol. (0m,19 ×0m,12) 379 pag.—Paris, librafrie Chapelot, 1917—Prix: 3 fr. 50.

A matéria, que forma êste volume, foi primitivamente publicada na

Revue de Paris, sendo altamente apreciada, motivo pelo qual foi seguidamente reproduzida no volume, que temos presente. E' êle constituído por scenas do mais vibrante patriotismo, ocorridas no Artois e Champagne, logo seguidas de outras, em que são descritos outros emocionantes combates, travados nos Alpes italianos, desde Rovereto até Monfalcone, pelo exército sob o comando do general Cadorna.

Esta conjunção de factos ocorridos nas duas nações aliadas, representa a solariedade com que ambos os países lutam pelo que julgam ser a honra e brio das respectivas pátrias. E o autor valoriza devidamente o facto, dando às suas narrativas um carácter elevado e exaltando sempre o procedimento dos lutadores. Referindo-se às tropas italianas, diz êle, logo no prefácio:

«Nêste momento os exércitos do general Cardona, triunfam desde Tolmino a Trieste, na frente das próprias posições que eu visitei.

«Devem-se amar estas tropas latinas. Devem-se admirar os seus trabalhos prodigiosos nos cimos dos Alpes. Devem-se cantar os seus combates, que excedem os das explorações das antigas legiões romanas, em milagres de coragem, de perseverança e de grandeza.

«Tanto no Zovetto, como nos Dolomites, e no Carso, a descendência de Mario e de Bruto, mostrou a excelência da sua bravura.

«Nada falta da sua glória ao império romano que ressuscita. Nem até a sabedoria dos seus Antonianos...»

Por êstes simples trechos saberão avaliar os leitores a fórma sempre elevada, como o assunto foi tratado. *La Terre qui tonne* não representa a revelação de um novo talento, mas sim a confirmação dos créditos anteriormente conquistados, em outros volumes não menos notáveis, como são «La Force», «La Ville inconnue» e «L'air qui temble», os quais os leitores por certo conhecem e apreciáram devidamente. Conseqüêntemente, quaisquer palavras que ajuntássemos às anteriores, seriam verdadeiramente ociosas.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Organização das unidades de metralhadoras. — O grande exito obtido com estas armas obrigou a aumentar a sua dotação por fórma até hoje desconhecida, e a sua distribuição êntre as tropas é a seguinte: Tres companhias por cada regimento de infantaria a 8 metralhadoras cãda uma. Grupos de 2 ou 3 companhias com 6 máquinas à disposição do comando em chefe (há 53 na frente francesa e 60 na oriental). 111 secções de 9 espingardas—metralhadoras cada uma.

Aumento do exército de agosto de 1914 a setembro de 1917.—De um artigo publicado na *La France Militaire* extratamos os dados seguintes, relativos ao aumento que tem tido o exército alemão desde o principio da guerra até ao mês de setembro último, espaço de tempo que se considera dividido em sete periodos:

1.º — Agosto de 1914, princípio das operações. Número de divisões na frente ocidental, 96 1/2 a 4 regimentos, ou sejam 1.190 batalhões.

Na frente oriental, 26 1/2 divisões a 4 regimentos, ou sejam 322 batalhões.

Efectivo total 123 divisões, ou 1.512 batalhões.

2.º — Batalha do Iser (novembro de 1914. Frente ocidental, 104 1/9 divisões a 4 regimentos, ou sejam 1.293 batalhões.

Frente oriental, 32 1/2 divisões, ou sejam 399 batalhões.

Total, 137 divisões, ou sejam 1.692 batalhões.

Aumento sôbre o periodo anterior, 14 divisões, ou 180 batalhões.

3.º—Fim da campanha da Russia, em setembro de 1915.

Frente ocidental, 103 divisões a 3 ou 4 regimentos, ou sejam 1.120 batalhões.

Frente oriental, 67 divisões a 3 ou 4 regimentos, ou 780 batalhões.

Aumento sôbre o periodo anterior, 33 divisões, ou 208 batalhões.

4.º—Ataque de Verdun, em junho de 1916.

Frente ocidental, 125 divisões, ou 1.376 batalhões.

Frente oriental, 48 divisões, ou 574 batalhões.

Total, 173 divisões, ou 1.950 batalhões.

Aumento sôbre o periodo anterior, 3 divisões, ou 50 batalhões.

5.º—Novo esforço na Russia e Roménia, em 1 de dezembro de 1916.

Frente ocidental, 129 divisões, ou 1.312 batalhões.

Frente oriental, 79 divisões, ou 899 batalhões,

Total, 208 divisões, ou 2.211 batalhões.
Aumento sôbre o periodo anterior, 35 divisões, ou 261 batalhões.
6.º — Ofensiva franco-inglesa, em 1 de julho de 1917.
Frente ocidental, 155 divisões.
Frente oriental, 79 divisões.
Aumento sôbre o periodo anterior, 26 divisões, ou 105 batalhões.
7.º—Contra-ofensiva na frente oriental, 1.º de setembro de 1917.
Frente ocidental, 147 divisões, ou 1.369 batalhões.
Frente oriental, 92 divisões, ou 965 batalhões.
Total, 239 divisões, ou 2.334 batalhões.
Aumento sôbre o periodo anterior, 5 divisões, ou 18 batalhões.
Aumento nos 7 periodos, 116 divisões, ou sejam 822 batalhões.

Austria

O morteiro de 30,5 centimetros. — Uma testemunha ocular das defensas austriacas do Tirol poude presenciar a marcha e assentameuto de uma destas poderosas bocas de fogo, cujas caracteristicas gerais passamos a descrever.

Estas peças são acondicionadas de maneira que permitem o seu transporte por vias ferreas, ou, na sua falta, sôbre pesados automóveis de carga construidos expressamente.

Tres autos de 100 cavalos de força cada um, arrastam pesados carros, onde vão as três partes principais do morteiro : canhão, reparo e plata-fórma.

Automóveis menos poderosos transportam as munições, os acessórios e o pessoal. Comtudo, a sua marcha, embora auxiliada geralmente por numerosos prisioneiros, é notavelmente lenta através dos desfiladeiros alpinos. De noite os autos param nas visinhanças das casas que ficam á beira da estrada, e cobrem-se com ramagens que os ocultam à observação inimiga, especialmente dos aeroplanos.

O assentamento, se o solo é um tanto resistente, não demora mais de uma noite, e é muito simples. O auto, que transporta a platafórma, é transportado ao local escolhido, onde é fixado á plata-forma por pernes. Uma vez assente a plata-forma, avançam os autos do reparo e da peça, sucessviamente, lançando-se as ditas peças pelas suas próprias gruas, que assim ficam definitivamente colocadas.

O tubo do morteiro pesa 6 toneladas e 7 cada uma das outras duas partes, o que, junto ao peso total do morteiro, uma vez colocado, com os seus acessórios, excede 20 toneladas.

A plata-fórma é constituida por um estrado rectangular de aço de alguns centimetros de espessura e de 6m de comprido por 4m de largo.

Os projecteis do morteiro, de 280 quilogramas cada um, podem ser: granadas perfurantes, granada ordinária ou shrapnel, e são lançadas a uma distância máxima de 10 quilómetros, com uma elevação que não pode exceder 70º.

Brasil

As sociedades de tiro.—Segundo refere o jornal *O País*, do Rio de Janeiro, há três anos funcionavam 2 ou 3 duzias de sociedades de atiradores. Hoje o número delas é de 424, havendo a notar que outras se estão fundando

constantemente. Em 1910, na formatura realizada a 7 de setembro, tomaram parte 4.000 atiradores. Êste ano êsse número elevous-e a 8.000. Sabe-se, além disso, que, se o govêrno quizesse, em vez de 30 sociedades, acederiam ao seu convite uma centena delas, com 20 ou 30 mil homens. O exército brasileiro dispõe hoje de reservas que, se ainda não são numerosas, constituem, não obstante, um factor consideravel da nossa segurança militar. Nas 424 sociedades de tiro, espalhadas por todas as circunscrições da República, recebem instrução cerca de 100.000 mancebos. Basta calcular o que, em alguns anos, pode chegar a realizar, com semelhante desenvolvimento, a Confederação do Tiro, para ver a eficiência da sua colaboração dêsse grande problema. É preciso não esquecer que as sociedades de tiro não preparam apenas bons soldados. São também escolas de civismo, nas quais a juventude aprende a amar e a servir a patria, honrando as suas tradições e cooperando na sua grandeza. Felizmente, os govêrnos já se compenetraram da necessidade de prestigiar e amparar essa instituìção que, repetimos; resolve o problema da organização das suas reservas, segundo o criterio mais compativel com os pensadores do povo brasileiro e com os princípios da democracia, transformando, finalmente, o exército profissional em exército nacional, e, dêsse modo, facilitando e completando a obra que se esperava fosse realizaca pelo serviço militar obrigatorio.

Estados-Unidos

O exército norte-americano. — O soldado yankee é pouco formalista e nada inclinado a essas exterioridades aparatosas que encontram e seduzem os povos latinos e saxões da Europa; faz pouco uso da disciplina exterior, e nenhum influxo exerce sôbre as suas instituìções militares a velha escola de Frederico Guilherme I da Prussia, como sucede às potencias europeias.

Nem por isso descuidam os yankees o que é util, ainda as coisas mais insignificantes. O pormenor mais minucioso é estudado detidamente, experimentado com toda a possivel atenção e posto em vigor com uma energia exemplar.

O exéreito permanente constituido por 4.400 oficiais e 65.000 soldados de todas as armas, recrutados segundo o sistema inglês, isto voluntariamente.

Os oficiais veem do Colegio de West-Point, que é, indiscutivelmente, o melhor colegio militar do mundo, pela magnificência da sua instalação.

Os cadetes de West-Point recebem soldo, não lhes sendo possivel gozar licenças durante os tres anos da sua permanência na Escola; passam os invernos estudando o seu respectivo curso e no verão seguem para a costa, onde os exercícios militares alternam com toda a especie de desportos.

Os oficiais servem, indistinctamente, em qualquer das três armas combatentes. Os seus quadros teem a mesma hierarquia que os dos exércitos europeus; alcançam todos os lugares pelo rigoroso princípio da antiguidade até ao posto de coronel inclusivé. Os de generais podem ser obtidos em qualquer dos postos, não sendo para estranhar que de capitão se alcance o generalato sem passar pelos postos intermedios, sempre que o promovido seja um dêsses homens excepcionais que reuna todos os requisitos em uma perfeita harmonia.

Os quarteis assemelham-se a acampamentos de barracas de madeira,

onde existem todas as comodidades e reina o bem-estar; o soldado tem carne excelente, dão-se-lhe alimentos bem cosinhados e abundantes e recebe mensalmente um pré de 30 escudos.

Os oficiais teem soldos muito elevados: assim um tenente com 5 anos de serviço recebe 11.500 francos anuais; um major 21.840 francos e um general 58.240 ditos.

O exército possue 7 fabricas militares, cuja produção assegura não só o abastecimento de material de guerra e munições ao exército regular, mas também à *milicia*, cujo efectivo se calcula aproximadamente em 14 milhões de combatentes. Essa *milicia*, cujos individuos se exercitam anualmente durante 7 dias em acampamentos apropriados, só se mobiliza para a defêsa do país, proporcionando, em tempo de paz, corpos de voluntarios que reforçam o exército regular.

As promoções de comandantes e oficiais de milicia, são por *eleição* entre os subordinados, salvo quando são por nomeação directa do Presidente da República.

Os regimentos do exército permanente, acham-se sempre mobilizados, tendo todos os elementos para entrar em campanha à primeira voz.

O corpo de saúde militar possui uma organização que excede em abundância de elementos, disciplina e inteligência, todas as corporações similares da Europa.

A infantaria regular consta de 30 regimentos a 3 batalhões de 4 companhias e uma secção de metralhadoras.

A infantaria de milicias compreende 141 regimentos, do mesmo número de batalhões e companhias que a do exército regular. As companhias têem o efectivo de um capitão, dois tenentes e 128 soldados.

A cavalaria compõe-se de 15 regimentos a três esquadrões; o esquadrão compõe-se de 4 secções *(troops)* sob o comando de um oficial superior; as *troops*, sob o comando de um capitão com 2 tenentes.

A artilharia de campanha acha-se constituida por 3 regimentos de 3 grupos a 3 batarias de 4 peças.

Há, além disso, um regimento de artilharia a caválo, a 6 batarias; 12 batarias independentes de montanha e 24 comandos de artilharia de praça e costa, divididas em 170 companhias.

O corpo de engenheiros consta de 3 batalhões a 4 companhias, e de 4 companhias de engenheiros, cujo pessoal está distribuido pelas unidades de todas as armas para assegurar as comunicações no campo de batalha.

A administração militar intervem pouco no exército, pois os corpos abastecem-se a si mesmos pelo regimen das massas.

As forças estão grupadas em *oito exércitos*, cada um a *três divisões*, sendo duas mixtas *(regulares* e *milicianas)* e a terceira de *milicias*.

O armamento da infantaria é a espingarda Springfield mod. 1903, de calibre $7^{mm},5$, com bala ponteaguda; a metralhadora é a Maxim para montanha e a Gallin para campanha.

A artilharia de campanha acha-se munida de canhões de industria nacional, todos de $7^{mm},5$. A de praça e costa têm-os superiores e de calibres distintos.

O uniforme de campanha é o mesmo e úuico para todas as armas: chapeu de feltro, casaco com quatro bolsos, calções e grevas.

Em caso de calôr excessivo, é permitido ao soldado aligeirar-se.

Os oficíais têem galões nos hombros e platinas.

A instrução das tropas é muito sólida, adquirida no campo, pois desconhecem em absoluto o serviço de guarnição.

Os oficiais são ilustrados e procedem exclusivamente do Colégio West-Point; a profissão militar é considerada nos Estados-Unidos como corolário de um título obtido no referido colégio.

Ninguem pode em absoluto aspirar ao grau de oficial do exército permanente, sem possuir o diploma do Colégio West-Point.

França

Influencia da guerra sobre a natalidade—M. Honnorat, deputado pelos Baixos Alpes, apresentou em um informação recente dados interessantes sobre o que á França custa a actual guerra em nascimentos.

A estatistica dos departamentos não invadidos é eloquente:

	Anos	Numero de departamentos	Nascimentos	Obitos
Antes da guerra	1913	77	604.654	588.809
	1914	77	594.222	647.549
Durante a guerra-1915		77	382.466	644.501

Como se vê, se antes da guerra, em 1913, houve um excedente de 15.645 nascimentos sobre o numero de obitos, durante a guerra o excedente correspondente a estes ultimos sobre os nascimentos foi durante 1914 de 53.327 e durante 1915 de 261.835, e isto sem entrar em conta com a parte correspondente aos departamentos invadidos.

Pontes metalicas desmontaveis e pontes suspensas—A proposito das numerosas operações nas vias de comunicação, originadas pela retirada dos alemães, lê-se na *La France Militaire* que foram ensaiadas com optimos resultados na passagem de cursos d'agua. as pontes metalicas desmontaveis, tipo Marcille e Henry (assim denominadas, pelo nome dos seus inventores, oficiais de engenharia) já preparadas em tempo de paz, e reformadas depois, com a experiencia adquírida na guerra.

No *Genie Civil* de 12 de maio, vem descríta uma pequena ponte suspensa projectada pelo engenheiro Maynard, constituida essencialmente por 2 cabos metalicos, suspensos de dois solidos apoios metalicos, e de outros dois cabos metalicos, fixos aos primeiros por meio de arame d'aço, de modo que fiquem horisontais. Sobre estes cabos horisontais assentam-se as taboas com 5^{cm} de grossura, que permite até o transito de veículos.

O peso do material desta ponte para um comprimento de 22^{m}, e uma carga de 200^{ks} por metro quadrado de ponte, não será superior 3.620^{ks}.

Artilharia de assalto—E' este o nome dado oficialmente na França á artilharia (peças de campanha de 75 m/m instaladas em automoveis couraçados, que acompanham a infantaria no assalto, semelhantes aos «Tanks» dos ingleses.

Em uma ordem do dia de 20 de abril, o comandante em chefe francês elogia os serviços prestados por esta nova especialidade, e sobretudo o gru-

po comandado pelo major Bosot, morto no campo de batalha, grupo que na jornada de 16 de abril entrou prisioneiro na segunda secção inimiga tomada em Govincourt e afirmaram a conquista, assegurando-se assim um posto de honra atraz dos combatentes, fazendo notar por esta forma, a sua primeira aparição sobre o campo de batalha.

Inglaterra

Despesas da guerra—O Chanceler do Tesouro no gabinete presidido pelo primeiro ministro Lloyd George, M. Andrew Bonar Law, que tem tambem a seu cargo a representação do Governo no Parlamento, anunciou recentemente na Camara dos Comuns, que durante os ultimos 112 dias, a despesa media feita pela Gran-Bretanha subiu a 6 milhões e 795 mil libras sterlinas por dia.

Tambem disse o mesmo alto funcionario que o total dos emprestimos feitos pela Gran Bretanha ás nações que com ela estão aliadas para combater a Alemanha, não é inferior á importante quantia da uns 1.025 milhões de libras sterlinas, incluindo nessa cifra os adiantamentos feitos, por motivo da guerra, ás diversas colonias inglesas.

Depois de facilitar á Camara dos Comuns os dados anteriores, o Chanceler do Tesouro solicitou do Parlamento que autorizasse o governo a dispôr da quantia de de 650 milhões de libras sterlinas para a continuação da guerra.

Total das compras para o exercito—Segundo as estatisticas oficiais publicadas ultimamente em Londres, o valor das compras feitas para o exercito durante a guerra, passam já de 700.000.000 de libras sterlinas, incluindo 200 milhões de libras para os aliados da Gran-Bretanha.

A seguir se dá uma nota das principais compras feitas durante a guerra: Panos 105.909.000 jardas; flanelas 115.000 jardas; facas, garfos e colheres 35.000.000; toucinho, 400.000.000 libras; queijo, 167.000.000 libras; doces, 260.000.000 lotes; carne de conserva, 500.000.000 rações; botas 35.000.000 pares; mascaras contra os gazes, 25.000.000; ferraduras, 40.000.000.

O departamento de contratos para o exercito emprega três sistemas de efectuar a compra desses consideraveis aprovisionamentos, ou solicitando propostas para arrematar os contractos a quem ofereça preços mais vantajosos, ou requisitando os productos de determinadas fabricas, ou ainda por ultimo, registando o material.

Nomeiam-se avaliadores e mediante visitas de inspecção obteem-se importantes economias para o fisco.

Em um caso concreto e tratando-se de um contracto de 12 meses, que importava em 8.500.000 libras sterlinas, obtiveram-se reducções que importaram em nada menos de 400.000 libras.

DIVERSOS

Record de aeronautica.—No aerodromo militar de Turim, o tenente Guido Guidi bateu, em novembro de 1916, o *record* de altura, havendo atingido 25.000 pés numa ascensão que durou uma hora e 57 minutos.

Quando chegou a 19.750 pés, o termometro de Guido regisrava 80º abaixo de zero. Este record foi oficialmente verificado.

O precedente *record* de 23.500 pés, foi feito a 26 de abril desse ano por Harry Haroker de nacionalidade inglesa.

Rulli Law, em aparelho archaico de dois anos, tipo do biplano de Curtiss, voou sem parar, a 19 de novembro, de Chicago a Hornell (New-York) numa distancia de 590 milhas, vencendo o *record* americano segundo o qual o país devia ser atravessado de um só vôo; record realisado por Victor Carlstrem num aparelho moderno de 200 cavalos, biplano militar do tipo Curtiss, segundo *The New-York Times* de 2 de novembro.

A distancia para o vôo ininterrupto de Carsitrom foi de 450 milhas de Chicago a Eric. Miss Law excedeu, pois, de 138 milhas a distancia estipulada.

Acidentalmente ele bateu o «record» mundial de vôo ininterrupto para pilotos do sexo feminino.

A 20 de novembro fez ele o seu vôo de Chicago a New-York, batendo o «record» das mulheres aeronauticas.

Ele fez as 884 milhas a partir de Chicago em 8 horas, 55 minutos e 35 segundos.

Ampliação de fotografia, sem objectiva.—Na revista *Science Abstracts* descreve o sr. Lotha um processo de seu invento para ampliar fotografias sem necessidade de objectiva. Para isso faz-se mover o negativo que se deseja ampliar atravez de uma comprida abertura e muito estreita por onde penetra a luz solar, ou a de outra origem luminosa adequada à fotografia; ao mesmo tempo faz-se mover a chapa de ampliação debaixo do negativo com uma velocidade *n* vezes maior, sendo *n* um numero qualquer.

Ao revelar a chapa de ampliação obtem-se um dispositivo, no qual todas as linhas do negativo que durante a exposição eram paralelas à abertura, não terão tido alteração, mas todas as perpendiculares virão aumentadas na relação *n* : 1. Este positivo submete-se agora à mesma operação de principio, mas em direcção perpendicular à das linhas antes amplificadas. O resultado da segunda operação é um negativo semelhante geometricamente ao original, mas com as suas dimensões lineares aumentadas *n* vezes.

Entre as vantagens que o inventor atribue ao seu método, citaremos as seguintes: uniformidade, distribuição de luz em todo o campo; semelhança geometrica com o original, sem a deformação que produz a observação de esfericidade, simplicidade, pouco volume do aparelho e substituição de lente por uma abertura, com o menor custo por conseguinte.

A cirurgia na guerra.—Na associação medica americana de S. Francisco da California escreve o *Army and Nevy Journal* o Dr. W. Earl Drennen, do exército dos Estados-Unidos, fez interessantes declarações a respeito do que foi observado por ele, durante o tempo que prestou serviço no hospital americano de Paris.

Começa por afirmar que as feridas da shrapnell são menos freqüentes que as de espingarda, assinalando, para o comprovar, o facto de que de 436 feridas que receberam 260 soldados franceses, 169 foram causadas por projecteis de artilharia, 127 por fragmentos de granada, 41 por balas de shrapnell e só 99 por balas de espingarda.

O envolucro metálico da shrapnell fraciona-se em mil pedaços e as feri-

das causadas por eles, freqüêntemente são graves e produzem enormes rasgaduras nos tecidos. Mais de 80 por 100 dos projecteis usados pela artilharia de campanha tem sido shrapnell, capaz de produzir a morte a uma distancia de 5.900 metros, a qual leva ainda uma velocidade de 172 metros por segundo. No momento da explosão, as balas adquirem uma força adicional de 300 pés (91 metros) por segundo. O numero de frágmentos óscila entre 600 e 1.500.

Os casos de apendicite aguda teem sido muito freqüêntes, e o mesmo sucedeu com as frácturas nàs extremidades.

A bala em ponta com envolucro de áço, usada por quási todos os exércitos e reputada muito humanitária, produz feridas gráves com horriveis mutilações nos tecidos. O orifício de entrada, é certamente pequeno, mas o de saida oferece grandes proporções.

Os efeitos da bala moderna sobre o corpo humano são distinctos, segundo a distância a que se produz o impate: até 460 metros, são explosivos; de 460 a 900, penetrantes; de 900 a 1.800, produzem feridas simples e de 1.800 em diante, as feridas são contusas. A distribuição de feridas pelas regiões do corpo foi a seguinte, segundo estatisticas recentes:

	Tanto por cento	Tanto por cento da mortalidade
Cabeça	15	51
Pescoço	2	28
Coluna vertebral	2	75
Peito	4	25
Abdomen	3	65
Extremidades superiores	25	2
Extremidades inferiores	30	2

Mas de 85 % das feridas supuraram, e os seus efeitos dolorosos se mitigaram bastante empregando uma solução de benzoato de soda.

O segredo do seu tratamento consistiu sempre em estabelecer uma pouca drenagem. O tétano que tantos estragos produziu em outras guerras, passou a ser um perigo de escassa importância, graças à antitoxina.

Quanto às importações, nota-se cada dia mais a tendencia conservadora. Sempre que as condições são favoráveis, surpreende o que a natureza é capaz de fazer. Hoje podem-se salvar membros e restaural-os em casos que dantes se teria recorrido à amputação como unico remédio. A Europa inteira apresenta o aspecto de um grande laboratório cirurgico, onde se poderá aprender com amplitude.

Durante a convalescença de doentes nervosos e casos mentais tem-se podido observar os benéficos efeitos produzidas pela música.

Os feridos ligeiramente não devem abandonar a frente, para evitar as aglomerações nos serviços sanitários da rectuguarda.

A frequencia das guerras—Nem os progressos da civilização, nem o aperfeiçoamento dos elementos postos á disposição do exercito, teem conseguido nem, muito menos, diminuir o numero de occasiões em que os povos lutam entre si. A guerra peca nos bons propositos dos pacifistas, e ás generosas ideias humanitarias que sustentam e patrocinam muitos, parece ser uma

necessidade inherente á vida do homem, á razão de ser dos povos, que na antiguidade, como em nossos dias, teem tido curtos periodos de paz e tranquilidade. Assim, nos três ultimos seculos, a Europa tem sido teatro de 258 guerras, que custaram 400.000 milhões, tendo-se celebrado em tal periodo 80.000 tratados de paz, que só duraram cada um, termo medio, dois anos.

Os emprestimos e a guerra – A importante revista comercial que a poderosa firma Rosing Brothers & C.ª publica em Londres, traz a interessantissima informação que segue, sobre a situação financeira:

«A participação dos Estados Unidos no que rapidamente vai tomando o caracter de um conflicto universal, decididamente virá a rélevar a Inglaterra em parte do pesado encargo financeiro que suporta, proporcionando fundos aos seus aliados e colonias para coadjuvar o custeio da guerra. Segundo afirma o Ministro da Fazenda, os emprestimos e adiantamentos que temos feito aos nossos aliados e colonias até 31 de março ultimo, subiram, incluindo os juros, a uns 384.000.000 de libras; mas isto não obstaria a que de boa vontade continuassemos a ajudá-los de igual forma, a não haver tomado parte no nosso pleito, a republica norte-amaricana. A intervenção do nosso novo aliado que vem com o proposito de ajudar directamente com emprestimos a Russia, a França e outros aliados, até um limite que agora se fixou em 600.000.000, representa uma redução nas nossas despezas, ainda mais do que a principio se julgou. Esperando que esta ajuda em perspectiva dos Estados Unidos se concretise melhor, o orçamento de fazenda não foi ainda publicado, prometendo-se faze-lo proximamente.»

Para dar ideia dos emprestimos feitos pelos Estados Unidos a outros paises, desde que a guerra começou, damos a lista que segue, e que representa a divida de cada um:

Inglaterra	£	1.131.400.000
França	»	650.500.000
Russia	»	123.500.000
Italia	»	25.000.000
Alemanha	»	10.000.000
Canadá	»	289.725.000
Terra Nova	»	5.000.000
America latina	»	108.971.000
China	»	9.000.000
Europa neutral	»	23.000.000
Total	»	2.376.596.000

As noticias recebidas a respeito do 6.º emprestimo alemão, dizem haver-se conseguido 12 milhões e 700 mil marcos fóra de conversões de emprestimos anteriores. A ser assim, essa quantidade não seria suficiente para solver a divida fluctuante em bonos do Tesouro, que, segundo se diz, atinge 20.000 milhões.

E' curioso observar, além disso, que se reduzirmos a quantidade subscrita á libra ao par, ou seja 20 marcos por libra, dá-nos 635.000.000 de libras; mas com o actual valor do marco que é de 30 marcos por libra, o equivalente em sterlinas reduz-se sómente a 425.000.000 de libras.

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

Forças navais alemãs no golfo de Riga. — Em 12 de outubro, uma força naval alemã efectuou um desembarque na ilha Oesel, que toma a embocadura daquele golfo, ocupando-a, e mais tarde a de Dagö, perto da primeira. As canhoneiras e torpedeiros russos, debalde tentaram opôr-se às operações alemãs.

Um tal desastre para a estratégia naval russa, foi devido em grande parte ao estado anárquico da sua marinha de guerra.

Insubordinação na esquadra. — Em 9 de outubro, o ministro da marinha alemão—almirante von Capelle—deu conhecimento ao Parlamento, de ter havido graves insubordinações em 4 couraçados ancorados em Wilhelmrhaven.

Um dêstes navios foi o *Westfalen*, cujo comandante foi lançado ao mar pelos revoltósos. Parece que foram executados 3 marinheiros e castigados muitos.

O ministro da marinha pediu a demissão. As verdadeiras causas da insubordinação ficáram desconhecidas.

Destruição dum comboio.—Em 17 de outubrô, às 7 horas, um comboio de 12 navios mercantes neutros (suecos, noruegueses e dinamarqueses), escoltados pelos 2 contra-torpedeiros ingleses *Mary Rose* e *Strong-bow*, foi atacado por 2 cruzadores alemães, entre as ilhas Shetland e a costa da Noruega. Os contra-torpedeiros cumpriram heroicamente o seu dever, sendo afundados como era fatal, em presença de tão grande superioridade, e morrendo toda a guarnição de um dêles e metade da do outro.

Apenas 3 vapores se puderam escapar. Os restantes foram metidos no fundo pela artilharia dos cruzadores alemães que se não preocupáram com os naufragos, fugindo depois de finda a destruição do comboio.

Morreu grande número de tripulantes, sendo alguns salvos por barcos patrulhas ingleses que acudiram, e conseguindo outros alcançar a costa, nas embarcações, não obstante o estado do mar.

O comunicado do almirantado inglês, salienta o facto de terem os cruzadores alemães conseguido iludir a vigilância das forças navais inimigas, quer durante a sortida, quer durante a volta.

Fuga do submarino alemão internado em Cadix.—O submarino alemão U 293, que foi internado em Cadix a 9 de setembro, fugiu daquele porto na noite de 5 de outubro.

O govêrno espanhol demitiu as auctoridades do porto e declarou que o U 293 não tinha a bordo munições.

BIBLIOGRAFIA

França

1 *Annuaire spécial de l'artillerie métropolitaine.* 1916. Fascicule de mise à jour au 3 février 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, librairie de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 38 p. Fr. 1

2 *Artillerie. Comptabilité du matériel mis à la disposition des corps de troupe de l'artillerie et du train des équipages militaires par les parcs d'artillerie ou par les établissements spéciaux de l'artillerie.* Volume mis à jour à la date du 5 avril 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In 8, 50 p. Cent. 50

3 Balincourt (commandant de). *Les Flottes de combat en 1917.* Tours, impr. A. Mame et fils. Paris, A. Challamel, libr.-édit., 17, rue Jacob. 1917. In-16 oblong, VIII-856 p. avec fig.

4 Breton (G.), ingénieur des constructions civiles, ancien élève de l'École nationale des ponts et chaussées. *Les projecteurs de campagne.* Manuel technique et tactique, à l'usage des chefs d'équipe et des officiers observateurs. Janvier, 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-16. 375 p. avec figures Fr. 7,50

5 Daudet (Ernest). *Les Arabes et la Guerre.* Paris, impr. artistique Lux; Blond et Gay, édit., 7, place Saint-Sulpice. 1915. (31 mai 1917). In-16, 48 p. Cent. 60

6 *Panorama (le) de la guerre de 1914-1916 Récits. Commentaires et Jugements des faits diplomatiques, politiques et militaires de plusieurs écrivains.* Tomes 1, 2, 3 et 4. Paris, impr. Lahure; libr. Jules Tallandier, edit., 75, rue Dareau. 1916. Quatre volumes in-4. Tome 1er, 518 p., 16 p. net; tome 2, 470 p., 19 p. net; tome 3, 544 p., 19 p. net; tome 4, 496 p., 21 p. 50 net.

7 Bazin (R.) de l'Académie française. *Récits du temps de la guerre.* Coulommiers, impr. P. Brodard. Paris, Calman-Lévy, édit., 3, rue Auber. 1915. In-18, 300 p. Fr. 3,50

8 Bertrand (A.). *La Victoire de Lorraine.* 24 août-12 septembre. Carnet d'un officier de dragons; 19e édition revue et augmentée avec 18 gravures hors texte. Nancy-Paris, impr. et libr. Berger-Levrault. 1917. In-16, 219 p. Fr. 3,50

9 Grandmaison (M. Geoffroy de). *Les Aumoniers militaires.* Paris, impr. artistique Lux; Bland et Gay, édit., 7, place Saint-Sulpice. 1916. (31 mai 1917). In-16, 64 p. Cent. 60

10 *Service des subsistences militaires.* Modèles. Volume mis à jour à la date du 5 avril 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 337 p. Fr. 3

11 *Service des subsistences militaires.* Service de l'approvisionnement dans les corps et services. Volume mis à jour à la date du 10 avril 1917. Limoges impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124 boulevard Saint-Germain. 1917. Ia-8, 186 pag. Fr. 1,50

12 Degouy (amiral). *La guerre navale et l'offensive.* Avec deux cartes. Coulommiers, impr. Dessaint et Cie. Paris, Marc Imhaus et René Cha-

pelot, libr.-édit., 30 rue Dauphine. Nancy, même maison. 1917. In-8, XXIV-329 p. Fr. 4

13 Cochin (capitaine Augustin). *Le Capitaine Augustin. Quelques lettres de guerre.* Préface de Paul Bourget, de l'Académie française. Paris, Impr. artistique Lux, 131 boulevard Saint-Michel; Blond et Gay, edit., 7, place Saint-Sulpice. Barcelone, 35, calle del Bruch. 1917. (14 juin). In-16, 64 p. Cent. 60

14 Daudet (Ernest). *Histoire de la guerre;* Première partie. (Août 1914-novembre 1915). *Les causes de la guerre. Les Opérations militaires sur tous les fronts. La Guerre sur mer. La guerre aux colonies.* Corbeil, impr. Crété. Paris, libr. Hachette et Cie, 79, boulevard Saint-Germain. 1916. In-8 à 2 col., 96 p. avec illustrations Cent. 75

15 Jullian (C.), membre de l'Institut professeur au Collège de France. *La Place de la guerre actuelle dans notre histoire nationale.* Paris, impr. artistique Lux, 131, boulevard Saint-Michel; Bloud et Gay, éditeurs, 7, place Saint-Sulpice. Barcelone, 35, calle del Bruch. 1916. (14 Juin 1917). In-16, 40 p, Cent. 60

16 Latty (M.gr.)1 archevêque d'Avignon *Réflexions de guerre.* Avignon, impr. F. Seguin. Paris, libr. de Gigord, 15, rue Cassette. 1917. In-16, 40 p.

17 Salmon (P.) *La Guerre sous terre.* Étampes, impr. la Semeuse. Paris, Collection héroïque, 71, rue Richelieu (S. M.) In-8, 32 p. Cent. 25

18 Mignon (A.), H. Martin. *La Pratique chirurgicale dans la zone de l'avant.* Leçons professées sous la direction du médecin-inspecteur général A. Mignon. Paris, libr. J. B. Bailliere et fils, 19, rue Hautefeuille. 1917. In-8, 207 p. avec fig.

Inglaterra

1 Azan (Lieut-Col. Paul. *The War of Positions.* Preface by Brig.-Gen. Joseph E. Kuhn. Cr. 8vo. *Oxf. Univ. P.* net 5/6

2 Borden (Rt. Hon. Sir Robert). *The War and the Future.* Being a Narrative compiled from Speeches delivered at various periods of the War in Canada. U.S.A. and Great Britain, with Introductory Letter to Letter to the Compiler, Percy Hurd. Cr. 8vo, pp. 188. *Hodder & S.* net 2/

3 Bostok (Lieut. J.). *The Machine Gunner's Handbook.* (Addendum to the 11th edition). October, 1917. The «Kingsway» Service Series. Barrage Fire for Machine Guns. 18mo. swd., pp. 34 *W. H. Smith* net 1/

4 Buchan (John). *Nelson's History of the War.* Cr. 8vo, pp. 280. *Nelson* net 1/5

5 Crook (Margaret Brackenbury). *The Track of the Storm. Tales of the Marne, the Meuse and the Aube.* Cr. 8vo, swd., pp. 111. *Headley* net 1/6

6 Dent (Olive). *A. Y. A. D. in France.* With Illustrations by R. M. Savage and others. Cr. 8vo, pp. 349. *Grant Richards* net 5/

7 *Despatches of Lord French* (The), *and the Names of all those Specially Mentioned. Maps and Portraits.* Also blank pages for notes, etc. Royal 8vo, pp. 619. *Chapman & H.* net 21/

8 Empey (Arthur Guy). *From the Fire Step. The Experiences of an American Soldier in the British Army, together with Tommy's Dictionary of the Trenches.* Cr. 8vo, pp. 256. *Putman* net 5/

9 Ewing (William). *From Gallipoli to Baghdad.* Cr. 8vo, pp. 318. *Hodder & S.* net 5/

10 *German Desert's War Experiences* (A). Cr. 8vo, pp. 254 *Grant Richards* net 5/

11 Grant (Capt. H. C. J.). *Pocket-Book of Practical Navigation.* 18mo. *Gieves Pub. Co.* net 6*d*

12 Hall (Arthur Vine). *The Submarine and the Aeroplane.* Cr. 8vo, pp. 40. *Blackwell* net, swd., 1/6; 2/

13 Hope (Sylvia). *The Lighter Side of War.* Cr. 8vo. *A. H. Stockwell* net 1/6

14 MACFADYEAN (Dugald). *Our Mess. Mess Table Talks in France.* 18mo, pp. 126. *W. Westall* net 2/
15 MACFALL (Haldane). *Germany at Bay.* With an Introduction by Field-Marshal Viscount French. 8vo, pp. 319. *Cassell* net 6/
16 MCLAREN (Barbara) *Women of the War.* With an Introduction by the Rt. Hon. H. H. Asquith. 8vo, pp. 160. *Hodder & S.* net 3/6
17 MACQUARRIE (Hector). *How to Live at the Front.* Tips for American Soldiers. Cr. 8vo. *Lippincott* net 5/
18 MARTIN (M. Jean). *Captivity and Escape.* Cr. 8vo, pp. 193. *J. Murray* net 5/
19 MASEFIELD (John). *The Old Front Line, or the Beginning of the Battle of the Somme.* Illustrated. Cr. 8vo, pp. 128. *W. Heinemann* net 2/6
20 MEREWETER (Lieut-Col. J. W. B.) and Smith (Rt. Hon. Sir Frederick). *The Indian Corps in France.* Introduction by the Rt. Hon. Earl Curzon of Kedleston. 8vo, pp. 572. *J. Murray* net 10/6
21 *New Zealand at the Front.* Written and Illustrated by Men of the New Zealand Division. 4to, pp. 166. *Cassell* net 2/6
22 POLLARD (A. F.). *The Commonwealth at War.* 8vo, pp. 256. *Longmans* net 0/6
23 PRICE (G. Ward). *The Story of the Salonica Army.* Illustrated Cr. 8vo, pp. 311. *Hodder & S* net 6/
24 RICHARDSON (Robert C.). *West Point* An Intimate Picture of the National Military Academy and of the Life of the Cadet. 8vo. *Putman* net 10/
25 STRANG (Herbert) Carry On. *A Story of the Fight for Bagdad.* Illustrated by H. K. Elcock and H. Evison. Cr. 8vo, pp. 277. *Oxf. Univ. P.* net 2/6
26 STUERMER (Dr. Harry), *Two War Years in Constantinopole Sketches of German and Young Turkis Ethics and Politics.* Translated from the German by E. Allen and the Author. Cr. 8vo, pp. 308. *Hodder & S.* net 6/
27 *With the R.N.R. «Windlass».* Cr. 8vo, pp, 251. *Hodder & S.* net 5/
28 *Work and Training of the Royal Flying Corps.* Folio, swd., pp. 46. Illustrated. «*London News*» net 2/6

II — PERIODICOS

Portugal

1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 11 de novembro de 1917. Balística externa. A defesa da navegação mercante na guerra submarina. Antiguidades navais. O monitor no passado e no presente. Aviões contra submarinos.
2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 7 e 9 de julho e setembro de 1917, Provincia de Angola. Negócios indígenas — Relatório referente ao ano de 1915. Musica indu. Crónica.
3 *O Instituto*, n.º 12 de dezembro de 1917. Explicação física da atração universal. Sur la duplication du cube et des oracles de la Pythie. O Fausto de Gœthe. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança. Correspondência do Conde de Castelmelhor com o P.e Manuel Fernandes e outros (1668 e 1678). Documentos sôbre várias industrias portuguesas.
4 *O Oriente português*, n.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1917. Deposição do vice-rei da India. Bens pensionados em Goa. A igreja de S. Francisco de Surrater. Um boticário e dois médicos antigos de Goa. Varia variorum.

Brazil

1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.os 3 e 4 de setembro e outubro de 1917. Munição do fusil Mauser, mod. 1908. Serviço de abastecimento dos actuaes exercitos belligerantes. Artilharia anti-aerea.

Columbia

1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Columbia*, n.º 64 de outubro de 1917. Anotaciones históricas. Influencia atmospherica en el tiro de artilleria. La marcha. Conferencia dictada por el geodeste del Estado Mayor General. Informe sobre el reconocimiento militar de las vias que conducen de Chicorat a Cali, pasando por Ibaqui y Cartago. Através de la prensa estranjera.

Espanha

1 *Estudios militares*, n.º 6 de dezembro de de 1917. Um pequeño ensayo de general y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infanteria. La guerra europea: crónica politico-militar. Apuntes históricos. Estudios acerca de cuestiones orgánico-militares.

2 *La guerra y su preparacion*, n.º 12 de dezembro de 1917. Impressiones de una visita al frente oriental alemán. Deduciones de la guerra mundial. La campaña de von Mackensen en Rumania, en otoño de 1915. Cuadro comparativo del material de artilleria usado por los ejércitos francés y alemán en la actual guerra. Visita hecha, el 12 de septiembre, al Regimiento do Depósito del 11.º de Dragones del Emperador, en Stockesan. Indicaciones caracteristicas de las baterias alemanas en ación. Reorganización del Cuerpo de Ingenieros en los Estados-Unidos.

3 *Memorial de artilleria*, n.º de dezembro de 1917. Artilleria y aviación: Su empleo y su enlace en la guerra moderna. El tiro de varias alzas en nuestras baterias de campaña empleado en los casos generales.

4 *Memorial de caballeria*, n.º de dezembro de 1917. Nuevos escuadrones — Ametralladoras, obuzes y explosivos. Militarismo. Cosas de caballeria — Sobre organización. Una ojeada a la asociación benefica de santiago. Crónica de la guerra.

5 *Memorial de infanteria*, n.º 71 de dezembro de 1917. Ametralladoras. La estrategia naval y politica. La trinchera en la actual guerra. Sitios de Badajoz desde el siglo xviii. Proyecto de reglamento para la instrucción táctica de las tropas de infanteria.

Italia

1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.os de outubro, novembro e dezembro de 1917. Sul tiro dei medi e dei grossi calibri in montagna. Giulio Cesare e la guerra di posizione nella campagna ispano-marsigliese dell' anno 49 a. C. L'impiego degli abachi per la sóluzione rapida e precisa dei problemi del tiro della artiglierie. Il tiro di artiglieria contro gli aerei. Suluppo della fortificazione compela nella presente guerra. Miscellanea.

2 *Revista di caval.* Forza numerica degli ufficiali del' Arma di cavalleria. Da un Mese all'altro. Lettere al Solto tenente Novellini. Cronaca degli avvenimenti di guerra dell' agosto 1915. Pagina di guerra. Per un Piccolo catechismo storico italiano.

Mexico

1 *Boletin de ingenieros*, n.º 5 de agosto de 1917. Apuntes sobre Nomografia. Sección de experimentación del Departamento de Ingenieros.

La influencia de la Guerra europea sobre el arte de la fortificación pasajera.

2 *Revista del ejercito y marina*, n.º 8 de agosto de 1917. Consejos de guerra. El abastecimiento de los ejércitos en campaña. La guerra de trincheras. Proyectiles iluminantes y el combate nocturno. Artilleria anti-aérea. La bulla. Acuerdos y disposiciones.

3 *Tohtli*, n.º 10 de outubro de 1917. El progreso de los estabelecimientos fabriles militares de Mexico. El aeronauta Domingo Valencia. Proyecto de la Escuela y talleres de aviación en Mexico. Ha muerto Guynema? El aeroplano en el estranjero. La aviación francesa. Aviación militar. Metodo para seleccionar un ala de aeroplano con relación al área y a la sección. El motor Guome G. V. de una sola valvula. Que es el aeroplano? Detalles de los ruados «Akerman» para aeroplano.

4 *Boletin de ingenieros*, n.º 6 de dezembro de 1917. Columnas y piezas comprimidas por sus extremos. Un caso notable en el trabajo de la mamposteria. Corto minimo de una viga de concreto armado. Ensaye de unas viguetas de concreto armado. Influencia de la guerra europea sobre el arte de la Fortificación pasajera.

5 *Revista del ejercito e marina*, n.º 9 de setembro de 1917. Chapultepec! sobre la Independencia de Mexico. La marina de guerra. La marina mercante nacional. Apuntes de cria caballar. Importancia del suboficial de infanteria, e instrucción que requiere. Qué es un torpedo? El asistente.

6 *Tohtli*, n.º de novembro de 1917. La visita de los marinos argentinos a la escuela y talleres de aviación. La caida del Aguila. En memoria de Boelcke. Escuela. El aeroplano en el extranjero. Aviación militar. El progreso mecanico de la aviación. Que es el aeroplano? Prediccion del tiempo por medio de la observacion de las nubes. La evolucion de las nubes. El «medio ferro-carrilero».

Noruega

1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de outubro de 1917. Leiftvaabuet, artillerick og det moderne infanteri. Krigen xxvi.

2 *Norsk militært tidrskrift*, n.º 11 de novembro de 1917. Die Schlachten and der Marne. Krigen xxvii.

Perú

1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.ºs de junho a outubro de 1917 Conferencia en la Academia de Estado mayor. Crónica de las acciones de la caballeria en la guerra de las naciones. La batalla de inverno en Masuria.

Suissa

1 *Revue militaire suisse*, n.º 11 de novembro de 1917. Les caracteristiques du front belge. Instruction individuelle du soldat anglais. Médecine et chirurgie de guerre.

2 *Revue militaire suisse*, n.º 12 de dezembro de 1917. Les caractéristiques du front belge. Le théatre des opérations de l'armée italienne. Le colonel commandant de corps Andeond.